

Luiz Paulo Alves Rodrigues

Telejornalismo Vespertino:
A Violência na Mídia

Faculdade Cásper Líbero
Mestrado em Comunicação

São Paulo 2010

Luiz Paulo Alves Rodrigues

Telejornalismo Vespertino:
A Violência na Mídia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, na Linha de Pesquisa Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento, sob a orientação do Professor Doutor Laan Mendes de Barros, como requisito para a conclusão do curso e obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Faculdade Cásper Líbero
Mestrado em Comunicação

São Paulo 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques

Prof. Dr. Osvando J. de Moraes

Prof. Dr. Laan Mendes de Barros

DATA DO EXAME: ___/___/___ .

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: LUIZ PAULO ALVES RODRIGUES

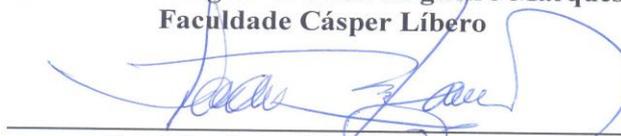
**“TELEJORNALISMO VESPERTINO
A VIOLÊNCIA NA MÍDIA”.**



**Prof. Dr. Osvando José de Moraes
Universidade de Sorocaba - UNISO**



**Profa. Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques
Faculdade Cásper Líbero**



**Prof. Dr. Laan Mendes de Barros
Faculdade Cásper Líbero**

Data da Defesa: - 18 de março de 2010.

RODRIGUES, Luiz Paulo A. **Jornalismo Vespertino: A Violência na Mídia**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2009.

RESUMO

Este trabalho estuda um gênero de telejornalismo que tem como principal temática a violência, o Jornalismo Vespertino. Para isso, primeiro é abordada essa temática social e se apresenta as diversas formas com que esse fator é veiculado nas mais diferentes mídias. Na seqüência, há uma discussão teórica sobre a atuação da mídia na sociedade capitalista, com sua característica de produtora comercial de cultura, defensora de uma ideologia e participante do controle social das camadas dominadas da sociedade. Ainda há uma outra reflexão, que relativiza toda essa temática, por observar a presença da cultura popular no telejornalismo vespertino como forma de negar essa imposição desenfreada de controle da classe dominante, com suas formas e doutrinas colocadas para a vida cotidiana. Ainda se segue outra discussão sobre a legislação brasileira quanto ao texto constitucional que regula a ação dos meios de comunicação. Após toda essa reflexão, é apresentada uma análise prática do telejornal vespertino escolhido como objeto de estudo, o *Brasil Urgente*. O relato encontrado aborda cinco dias seguidos de gravações desse telejornal, analisada em duas partes, a primeira como descritiva e analítica de pontos conotativos e, a segunda, um aprofundamento da discussão teórica anterior com pontos objetivos levantados nestas gravações.

PALAVRAS-CHAVE: Produtos Midiáticos, Telejornalismo Vespertino, Discurso Midiático, Violência, Brasil Urgente.

RODRIGUES, Luiz Paulo A. **Jornalismo Vespertino: A Violência na Mídia**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2009.

ABSTRACT

The subject of this study is the Morning News gender of tele-journalism, which has violence as its main theme. It starts discussing this social theme, as well as the various ways in which it is presented in different media. Consecutively, there is a theoretical discussion about the media's place in capitalistic society, with its characteristics of being a producer of merchandise culture, of defending an ideology and of being part of the social control apparatus of the oppressed strata of society. There is also another reflection that relativizes this thematic, by observing the presence of elements of popular culture in Morning News tele-journalism. This would deny the previous hypothesis, which assumes an all-powerful control of the media, on behalf of the ruling class, over society, and which stipulates that the media's forms and doctrines are all aimed at controlling the everyday life of spectators. Then follows a debate on brazilian legislation, specifically discussing the constitutional text that rules the media's activities. After this, a practical analysis of a Morning News tele-journal is presented, the *Brasil Urgente*. Five consecutive days of this tele-journal's recordings were used for the analysis, which is divided in two parts. The first is descriptive and analytical of connotative points, and the second one, deepens the previous theoretical discussions with objective points raised in these recordings.

KEYWORDS: Media products; Morning News, Media Discourse, Violence, Brasil Urgente.

DEDICATÓRIA

*A aquela que só não está nos agradecimentos
porque é o motivo desta pesquisa e de todo o resto.
A você Giselle Ianson, meu eterno amor!*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que com sua graça me acompanhou
em todos os momentos desta caminhada.

Ao amigo Prof. Dr. Laan Mendes de Barros, que me conduziu
com muita compreensão e carinho.

A todos que de alguma forma contribuíram para mais essa vitória.

Aos professores do Programa de Mestrado da Cásper Líbero,
aos colegas de empreitada e
aos funcionários da secretaria da pós-graduação.

E por fim, à minha família
pela paciência e apoio nesses vários meses
e por toda a minha vida.

EPIGRAFE

*Como uma espécie de laboratório do poder.
Graças a seus mecanismos de observação,
ganha eficácia e em capacidade de
penetração no comportamento dos homens;
um aumento de saber vem se implantar
em todas as frentes do poder.*

MICHEL FOUCAULT

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – Violência e o Telejornalismo Vespertino.....	15
1. A Violência.....	19
2. A presença da violência na Mídia.....	24
3. Em Qualquer que Seja o Meio.....	26
CAPÍTULO II – Violência e Mídia.....	33
1. Vigiando a Sociedade.....	35
1.1 Punição ao Corpo Difere às Ideologias.....	39
2. A Indústria Cultural.....	41
3. A Busca pela Violência.....	44
4. Presença do Popular.....	47
5. E o Uso do Espectro Eletromagnético Público pela TV.....	49
CAPÍTULO III – <i>Brasil Urgente</i>.....	54
1. O Telejornal Vespertino.....	55
2. O <i>Brasil Urgente</i>.....	58
2.1 O Cenário e a Apresentação.....	61
2.2 Enquadramento e Posicionamento.....	63

CAPÍTULO IV – 5 Dias de <i>Brasil Urgente</i>.....	65
1. Segunda-Feira (08/02/2010).....	67
2. Terça-Feira (09/02/2010).....	70
3. Quarta-Feira (10/02/2010).....	73
4. Quinta-Feira (11/02/2010).....	74
5. Sexta-Feira (12/02/2010).....	77
6. Em todo o <i>Brasil Urgente</i>.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84

INTRODUÇÃO

*Aqui não tem nada de coincidência,
as tragédias se repetem!*

José Luiz Datena¹

O corpo social em que a humanidade se vê inserida na contemporaneidade não está livre de processos denominados pelo senso comum como violência. Porém, o termo violência vai muito além das comuns imagens geradas em torno desse tema.

O uso da força física é claramente um ato violento, mas a ameaça desta possibilidade constitui basicamente a natureza da violência, esta associada à idéia de poder em um ato hostil, aonde um indivíduo que se utiliza da violência carrega consigo o estigma de mais poderoso diante daquele violentado.

Quando Lévi-Strauss nos traz que a sociedade é formada pela reciprocidade entre os diversos agentes sociais, deve se entender também que esta relação não ocorre naturalmente, existindo a possibilidade de haver entraves e pontos que impossibilitem tal inter-relação entre os indivíduos. Isto ocorrendo, a violência é gerada pela falta de entendimento entre as pessoas, entre duas ou mais sociedades, ou até por todo o globo.

¹ *Brasil Urgente*, 09/02/2010

[...] longe de a vida social constituir-se em um processo homogêneo em que a sociedade como unidade circunscreve e produz os atores linearmente, explícito uma visão em que a negociação da realidade, a partir das diferenças, é consequência do sistema de interações sociais sempre heterogêneo e com potencial de conflito". (VELHO; ALVITO, Cidadania e Violência, 1996: 16).

Uma característica das sociedades modernas é seu alto grau de complexidade, desenvolvido pela quantidade de indivíduos diferentes entre si e com pensamentos distintos convivendo em espaços comuns. Essa diversidade é consequência e, ao mesmo tempo, produtora da diferenciação dentre os diversos atores sociais. Uma diferença claramente ligada a conflitos é a diferenciação social, ou desigualdade social. Em muitas sociedades a desigualdade advém da noção de puro ou impuro, nobreza e plebe, mas hoje nas sociedades capitalistas está basicamente centrada na questão econômico-financeira das pessoas, assim, ricos e pobres.

Estudar o fenômeno social da violência (tema muito presente na sociedade brasileira) acaba por ser uma tarefa importante para qualquer comunicador. Para compreender tal assunto, é preciso estudar também toda a sociedade, já que agentes sociais e os seus mais diversos atos hostis são realizados também no meio social e, portanto, com reflexos nas mais diferentes manifestações humanas expressas no complexo sistema comunicativo, ou seja, na Comunicação, seja esta midiaticizada ou não. Além disso, estudar a violência através de um telejornal de grande audiência, considerando a alta dependência da população brasileira quanto à sua informação pela TV, possibilita uma visão de como tal tema é tratado na mídia.

Esta pesquisa, teórica de início, terá dois caminhos distintos a percorrer, o de análise da violência e da organização social e a abordagem sobre a televisão, para posteriormente analisar o telejornal vespertino selecionado como representante deste gênero de telejornal, o *Brasil Urgente*.

Na abordagem à sociedade, os autores Michel Foucault e Louis Althusser trabalham a relação do poder do estado e das classes dominantes nas sociedades

contemporâneas. Ainda nesse primeiro ponto, outros autores utilizados são Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida em seu trabalho de estudo da violência urbana.

Por se tratar da análise de um produto da televisão, realizando um contraponto a atuação desse veículo, também é trabalhada a leitura dos Estudos Culturais ingleses, quanto na análise do discurso do telejornal, utilizando Stuart Hall, pois com sua obra *Da Diáspora - Identidades e Mediações Culturais*, no texto Notas sobre a “desconstrução” do Popular, o autor apresenta a idéia de mediação, limitando assim a ação da mídia, e a presença da cultura popular, o que mostra o reconhecimento da população no telejornalismo vespertino, bem como sua melhor compreensão das informações veiculadas.

Para tratar com a televisão, utiliza-se na seqüência os autores Eugênio Bucci, Maria Rita Kehl e Laurindo Lalo Leal Filho, para analisar a atuação do veículo quanto à busca de audiência e a sua atuação diante das obrigações legais de produção televisiva diante dos telespectadores.

Este trabalho se coloca na perspectiva de alcançar alguma relevância social, pois se trata de uma análise do principal meio de comunicação no contexto brasileiro e que, em grandes linhas, oferece as bases para a formação da opinião popular em nosso país. A televisão conquistou a sociedade brasileira de tal forma, que através dela muitas pessoas escolhem até em quem irão votar nas eleições. Este exemplo simples mostra que a televisão, principalmente os telejornais, exerce um papel de destaque. Nesse contexto, estudar um modelo de telejornal, com exemplos de produtos da mídia espalhados por todo o país, é o mesmo que estudar um dos maiores veículos comunicacionais do país.

A dissertação também aborda outro tema de grande importância, a violência. Os índices de violência nos últimos anos têm aumentado em todo o país e o assunto ganha cada vez mais espaço na mídia.

O objetivo geral da pesquisa foi estudar a violência presente no discurso midiático, através de uma análise das matérias sobre essa temática veiculada no Telejornal Vespertino *Brasil Urgente*. Além disso, toda a busca dessa pesquisa se deu para estudar o tema violência para uma conceituação mais adequada e precisa desse fenômeno social, o relacionando com o telejornalismo, principalmente com o gênero específico que aborda em sua pauta predominantemente a violência, ou seja, o telejornal

vespertino, através de uma análise do discurso do apresentador, bem como das reportagens de violência exibidas no *Brasil Urgente*.

A princípio, foi preciso realizar um levantamento bibliográfico de livros, teses, dissertações, artigos e outros tipos de publicações, que trouxessem conteúdos relacionados à violência e à televisão. Após todo esse levantamento, se realizou uma análise das matérias através de gravações do telejornal em um período de cinco dias e a elaboração deste texto como resultado a toda essa pesquisa.

A estrutura da dissertação está dividida entre esta introdução, quatro capítulos, bem como as considerações finais e a apresentação da bibliografia utilizada. O primeiro capítulo, **Violência e o Telejornalismo Vespertino**, define a violência e apresenta de forma descritiva a veiculação das notícias sobre esse tema nos diversos veículos de comunicação, até chegar à televisão. Esse capítulo ainda define o gênero de telejornalismo vespertino e introduz a lógica de controle social levantada por Foucault. O segundo capítulo, **Violência e Mídia**, de caráter teórico analítico, aborda conceitos sobre o controle social realizado pelas classes dominantes e os diversos aparelhos do Estado, dentre um deles, a mídia. Há ainda análise sobre a televisão como uma fabricante de produtos culturais que estão à venda, ou seja, em busca da audiência. Outra reflexão neste momento é a presença da cultura popular no telejornal vespertino como contraponto a cultura dominante e à lógica capitalista apresentada. Por fim, a discussão segue para uma abordagem das normas legais que a televisão deixa de lado em sua atuação.

O terceiro capítulo, **Brasil Urgente**, traz uma apresentação descritiva do telejornal *Brasil Urgente* e do trabalho de seu apresentador. Já o quarto e último capítulo, **5 Dias de Brasil Urgente**, faz uma análise de cinco dias de gravação do telejornal confrontando esse material com os conceitos teóricos analisados neste trabalho.

Capítulo I
Violência e o Telejornalismo Vespertino

A realidade das Ruas

Este primeiro capítulo aborda a problemática de um fenômeno social muito presente nas sociedades contemporâneas em todo o mundo, a questão da violência. Trata-se de uma problemática que está no convívio social humano desde o princípio da formação de vida coletiva; no entanto, ela ganhou dimensões e características bem expressivas junto às populações que vivem em grandes centros, onde o aparato comunicacional também ganha papel de destaque na organização social. A violência pode ser de cunho social, econômico, psicológico, ou de sobrevivência. Ora tem características globalizadas, ora apresenta aspectos locais bem peculiares, característicos de uma determinada região no globo, o que não seria diferente na sociedade brasileira, que também agrega tal problemática social em seu cotidiano. Esse fenômeno social a que este estudo se debruça em especial assola a coletividade brasileira contemporânea também em sua plenitude, sem que haja, necessariamente, apenas fatores econômicos e sociais envolvidos para que esse tipo de comportamento humano aconteça.

Embora as causas da violência sejam variadas e complexas, o senso comum logo levanta como o principal motivo os fatores sociais e econômicos. Mas, isso não condiz obrigatoriamente com a realidade. E a mídia retrata esse quadro e, ao mesmo tempo, alimenta essa situação social. A princípio, o texto aborda uma apresentação das diversas ocorrências dessa ação dos indivíduos, demonstrando que existem distintas formas de ocorrer os atos de hostilidade, sobre diversos setores e momentos da vida social, até chegar à violência apresentada na mídia. Busca-se focar, prioritariamente, na plataforma midiática estudada neste trabalho, o telejornalismo. Assim, aspectos gerais dos atos violentos estão colocados para demonstrar e determinar as diversas variantes presentes dentro do conceito geral, a violência.

A narrativa retrata a violência da criminalidade no Brasil. Para isso, serão utilizados dados apresentados pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, o *IBGE*. Nesse ponto, há uma apresentação de como a violência no país se encontra na sociedade, diferentemente de outros países onde há a formação de hostilidades com outras naturezas, como as guerras civis, o terrorismo, as brigas e insurgências na busca

² *Slogan de Brasil Urgente*

pelo poder local, rivalidades que não fazem parte do escopo social brasileiro, que como característica própria tem outros fatores que contribuem para essa violência brasileira.

Ainda nesta narrativa descritiva inicial, de fase mais observadora a toda a problemática levantada, contextualiza-se a postura da mídia em relação às notícias apresentadas a sociedade brasileira, especialmente a forma com que a televisão e o telejornalismo colocam para o público as informações referentes a esses acontecimentos sociais estudados. Estão abordadas as diversas plataformas midiáticas em que a violência está colocada, desde o cinema, os meios impressos, como jornais e revistas, o rádio e até a internet e as discussões sociais colocadas na rede mundial de computadores. Isso se faz em um movimento de afunilamento para se chegar ao foco específico desta pesquisa: o telejornalismo vespertino, presente em diversos programas, como no *Brasil Urgente*, objeto de estudo deste trabalho.

Complementando essa avaliação geral da mídia quanto à noticiabilidade dos atos hostis, na seqüência do texto procurou-se focar a principal mídia brasileira no que diz respeito ao alcance e impacto junto a um expressivo número de pessoas, ou seja, a televisão, isso porque em nossa sociedade ela é o meio de comunicação de massa mais acessado pelos brasileiros esmagadoramente. Com essa característica, devido a questões do desenvolvimento dos meios de comunicação no Brasil, além de questões financeiras da sociedade que ajudam a televisão, já que ela se utiliza do espectro público para chegar ao seu consumidor e assim, é gratuita (com exceção às transmissões de canais pagos, ou seja, a TV a cabo e por satélite, que não entram nessa comparação de alcance por não atingir a mesma fatia da sociedade que apenas se utiliza da TV aberta, mas que se contabilizada, ainda que com um número pequeno de assinantes se comparado a outros países, mesmo assim apenas serviria para colaborar ainda mais com o número atingido pela televisão no Brasil), evidencia-se seu alcance.

Assim, por ser um veículo de comunicação hegemônico para muitos no país, a televisão possui um papel social muito importante na sociedade contemporânea. Isso vale tanto para o lazer e entretenimento, como para a informação, onde ela ocupa lugar de destaque na hora de informar a população e, por conseqüência, também no papel de apresentar a violência que permeia toda a sociedade atual.

A narrativa na seqüência faz uma reflexão da forma com que a violência é apresentada no principal produto televisivo que se baseia na informação, o telejornal. Essa análise ocorre por meio da observação de um modelo específico desse veículo, o

Telejornalismo Vespertino, que será a base das análises práticas de toda esta dissertação, com uma avaliação mais aprofundada que se segue aos capítulos de narrativa descritiva.

É interessante ressaltar ainda que a escolha do Telejornalismo Vespertino foi realizada para esta apreciação porque este modelo de telejornal, presente na grade nacional de redes de televisão, é totalmente voltado e organizado em torno do tema violência. As suas notícias, relatos e depoimentos, as informações e os comentários de seus apresentadores são predominantemente ligados a casos de hostilidade, sejam estes de acontecimentos mais impactantes ou do cotidiano da sociedade. Exemplos de ocasiões mais emblemáticas são diversos, como o assassinato da Menina Isabela Nardoni, ainda sob investigação da justiça brasileira e que tem como principais suspeitos o pai da criança, Alexandre Nardoni, e a madrasta, Ana Carolina Jatobá. Pode-se lembrar também o caso de Suzana Von Richthofen que orquestrou a morte de seus pais com os irmãos Daniel, namorado de Suzana, e Christian Cravinhos, ou ainda o último seqüestro e morte da menina Eloá Cristina Pimentel na cidade de Santo André, na região metropolitana de São Paulo. Outros exemplos de casos de violência, mas sem esse mesmo apelo, são aqueles mais corriqueiros que, não menos graves, mas já tidos como apenas mais um dentre tantos, ocorrem freqüentemente, como nos crimes de pedofilia, agressão doméstica a mulheres e a crianças.

Outro ponto a ser observado é de que este trabalho é pautado por uma visão crítica, mas não fatalista sobre o tema levantado e sobre a postura em que o veículo midiático analisado tem como pauta. É claro que na sociedade capitalista em que a mídia está inserida, assim como na lógica do lucro que essa inserção traz para a televisão com um norteamento para a busca por anunciantes e pela conquista de audiência, a televisão como empresa acaba impondo algumas limitações à sua ação social, de jornalismo quanto à idéia de fiscalizador em uma democracia, mas mesmo assim não significa que todos os pontos que estão observados no trabalho da televisão, do telejornalismo e, em especial do Telejornalismo Vespertino, sejam negativos. Também vale levantar que a característica de poder da TV nacional em virtude de seu alcance incomparável com os outros meios de comunicação no Brasil, não se coloca como sinônimo de uma atuação ilimitada e desenfreada na opinião da população brasileira, já que existem mecanismos de discussão social fora da TV, que não cabem

nessa discussão serem elencados, mas que impedem o poder de influência de qualquer meio de comunicação de massa seja incondicional.

Há diversos fatores característicos em um Telejornal Vespertino que se apresentam como pontos positivos. Na grade de veiculações de um telejornal dessa linha há espaço para notícias que acabam sendo deixadas de lado em outros telejornais mais genéricos. Notícias sobre problemas com o trânsito local de um bairro, onde existem acidentes violentos, por exemplo, encontram espaço nas pautas de um telejornal que observa questões mais locais ou regionais, que não se preocupa tanto com fatos ou realidades mais nacionais ou globais. Essa é uma das características básicas do telejornalismo apresentado acima, porque este jornalismo sempre procura estar mais próximo dos telespectadores, bem como de suas realidades. Exemplo disso é o fato de que questões até então focalizadas apenas em bairros de uma cidade, mesmo que não reflitam outras realidades de locais distintos àquele veiculado, ganham espaço. Isso significa que todo o telejornal nesse caso é produzido em uma linha editorial com interesse mais focado no cotidiano de seu telespectador. Essa característica dá espaço à cultura popular, visibilidade a classe social que é excluída e pode se reconhecer no transcorrer de sua apresentação.

Todo esse modelo de telejornalismo trabalha com essa realidade mais próxima de seu público alvo. Por todos os problemas de distribuição de renda, educação, saúde, condições de moradia e segurança que o país apresenta, as classes menos abastadas sofrem muito com a violência. Com a característica do telejornal vespertino de se ater a realidade próxima de seu público alvo, esse fenômeno social que atinge toda a sociedade, mas que se concentra nas camadas mais pobres da sociedade, já que por terem menos recursos financeiros não tem como evitar algumas situações de risco a essa violência, esse acaba como o principal tema do telejornal vespertino.

1. A Violência

No momento em que um pesquisador se coloca a estudar a violência, ou qualquer outro objeto que de alguma forma necessite compreender esse fenômeno social, o primeiro passo é entender que ele acontece de várias formas, em diversos momentos da vida de uma pessoa, sob as mais diferentes plataformas, ou seja, em

diversos meios e campos de atuação do convívio social, seja na vida profissional, nas horas de lazer, ou até nos instantes de reflexão.

O senso comum define o termo violência como um ato hostil, que atinge diretamente o físico de uma pessoa, o corpo de um indivíduo. Observar tal fenômeno apenas com esse olhar é já de início um equívoco, pois uma postura violenta vai muito além de agressões físicas, ultrapassa a barreira corpórea, podendo agregar um conjunto mais complexo de ações, concretas ou apenas de caráter ideológico, de exposição a momentos e modelos viris, ofensivos, por exemplo, sem que exista necessariamente o instante de ação contrária ao corpo.

A *Organização Mundial da Saúde* (OMS) define violência como “o uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. (PINHEIRO, 2003: 16). Nessa definição da OMS, pode-se observar que, o conceito desse fenômeno não se limita no ato de agressão física, podendo incluir atos contra a psique, com conotação sexual, familiar, ou seja, que não necessite obrigatoriamente de força bruta. Além disso, Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida ao definir esse fenômeno, no livro *Violência Urbana*, relatam que para existir um ato de hostilidade é necessário que haja a intenção:

Ação, produção de dano/destruição e intencionalidade são os elementos constitutivos da violência. Com isso, temos uma definição básica de violência: *ação intencional que provoca dano*.

A violência é exagerada, arrebatadora. A força é comedida. Não é possível viver abdicando do uso da força, mas é necessário saber a diferença que existe entre ela e a violência. O uso da força é prudente – dentro, claro, de seus limites. Já a violência é a ‘força cega’, que não enxerga as conseqüências de seus atos.

Apesar de a palavra ‘violência’ ser um substantivo, ela funciona como qualificador do agir humano. Quando se age, exerce-se a violência ou não. Não há posição intermediária. Aí radica o perigo da ação, pois quem age é capaz de tudo - do ato mais sublime ao mais bestial. (PINHEIRO, 2003: 13)

Ao se considerar o próprio meio físico biológico de uma pessoa, a ciência apresenta que o Homem possui cinco mecanismos de percepção e relação com o meio

ambiente, ou seja, sentidos da visão, da audição, do olfato, do tato e do paladar. Muitas pessoas ainda acreditam haver um sexto sentido, o pressentir. Atendo-se apenas no comprovado cientificamente, já se pode ter uma idéia sobre outras potencialidades que a violência pode atingir em uma pessoa sem o contato físico direto.

A poluição visual ou sonora de uma cidade grande causa uma sensação ruim para aqueles que ainda não se acostumaram com essa realidade. O preconceito, seja ele de qualquer natureza, também faz um indivíduo sofrer. A situação caótica da saúde e da educação no Brasil são formas de atingir o cidadão que trabalha e paga corretamente seus impostos. A desigualdade social, os problemas de moradia, de distribuição de terras são outros exemplos de problemas que a sociedade contemporânea brasileira convive diariamente e que, apesar de não ter um ato de brutalidade direcionado a uma pessoa, são formas veladas da violência que o mundo e, em particular, o Brasil têm mantido como prática dentro da sociedade capitalista atual, que já carregam há mais de um século alguns desses problemas.

Analisando a recepção humana através dos cinco sentidos relacionados anteriormente, e as diversas formas combinadas que esses sentidos atuam sobre o indivíduo em uma mesma situação, uma vez que eles nunca agem de forma isolada, mas sim combinada, já se pode começar a entender como a hostilidade pode ir muito além de formas de agressões físicas. A característica que evidencia a violência física e que, por esse motivo é normalmente colocada como definição geral para todo o olhar comum desse fenômeno, é a possibilidade de observação direta do fato. Um ato hostil contra o corpo de alguém é facilmente verificável, deixa marcas visíveis, e em resumo, é rapidamente observável. Porém, esse fator não pode concentrar a definição global de violência. Para esse tipo de violência, e aqui se demonstra que a violência física é claramente um dos diversos modelos de hostilidade passíveis de ocorrer, existem diversos estopins, vários fatores que a deflagram. São das mais variadas as causas pelas quais se aflora um ato de agressão, mas sempre ocorrem em momentos extremos. Exceto nos casos de alguma patologia mental, como a esquizofrenia, dentre tantas outras, que raramente apresentam demonstrações hostis, a violência pode ser interpretada como uma tentativa de corrigir o que o diálogo não foi capaz de resolver. A violência funciona como um último recurso que tenta restabelecer o que é justo, segundo a ótica do agressor. Em geral, a violência não tem um caráter meramente destrutivo, mas na realidade tem uma motivação corretiva que tenta corrigir o que o

diálogo não foi capaz de solucionar. Portanto, sempre que houver uma demonstração agressiva é porque alguma coisa já estava anteriormente em desacordo na mente de quem pratica as hostilidades.

Pinheiro e Almeida afirmam que a natureza dos atos de hostilidade pode se originar em questões físicas, sexuais, psicológicas, em situações de privação ou negligência. No entanto, os autores explicam que as agressões sempre estão inseridas em um contexto.

A violência é um problema multifacetado e complexo. Nenhum fator isolado pode explicar por que alguns indivíduos se comportam com violência em relação a outros e por que a violência prevalece em algumas comunidades e não em outras. Uma combinação de fatores que podem indicar violência intervém em diferentes níveis. [...] Toda espécie de comportamento, e não apenas o desviante e criminal, é afetada pelo meio ambiente externo. As ruas, os pares, as pessoas que encontramos regularmente desempenham papel fundamental em plasmar e formar o que somos e como agimos. (PINHEIRO, 2003: 18)

Violência verbal, intelectual, o preconceito, dentre tantas outras, são algumas formas de se cometer um ato violento e que se diferem muito do que o senso comum normalmente observa como um ato hostil, de agressão a uma pessoa. Ao contrário, um soco, um espancamento, um assassinato são tidos claramente como atos de violência pela sociedade, formas diretas e físicas de agressões. Esse tipo de violência, que acontece de várias formas, mas que tem como ponto em comum a agressão ao corpo, uma ação direta contra o meio físico de cada indivíduo, e que se liga à criminalidade, é o que esse trabalho pretende abordar, por ser esta a violência mais abordada pela mídia e, conseqüentemente, pelo telejornal analisado.

A essa forma de hostilidade que é abordada pelos mais diferentes meios de comunicação é definida corriqueiramente pela mídia como Violência Urbana. Um dos motivos dessa denominação se dá por uma questão meramente geográfica, já que os media estão em grande parte nos centros urbanos. É importante destacar que, na sociedade brasileira, assim como em grande parte do globo nas sociedades da contemporaneidade, a violência e a criminalidade se tornaram endêmicas, sem que seja um fenômeno social exclusivo das grandes metrópoles, podendo acontecer em pequenos municípios, e até em pacatos vilarejos e, dessa forma, tal nomenclatura também esbarra

no problema de não integrar as regiões de fora das zonas metropolitanas quanto às ocorrências sociais de agressões.

Todo esse elemento social está muito presente no cotidiano da civilização humana como um todo, inclusive no meio político e na justiça brasileira quanto à necessidade de alteração dos códigos nacionais, das leis, com tantos exemplos diários de atos que beiram a barbárie. São inúmeros os exemplos marcantes que comprovam essa atual situação, tanto internacionalmente, quanto dentro do território brasileiro.

A violência presente na atual sociedade brasileira se difere da encontrada em outras sociedades do mundo. No Brasil contemporâneo não se apresentam outros fatores que influenciam em diversas outras partes do mundo, como o terrorismo, os conflitos étnicos ou religiosos, de emancipação de Estados ou mesmo guerras com outras nações, por lutas de mercado. Mesmo assim, os índices de violência vêm se acentuando com o passar dos anos, transformando algumas regiões do país em ambientes de extrema violência, com números comparáveis até mesmo com de outras localidades em guerra.

Hoje, o Brasil tem números altíssimos de violência urbana, como homicídios e assaltos, seqüestros e chacinas, a violência do tráfico de drogas e da pirataria, além da violência doméstica contra a família, a mulher e a criança que, em geral, é praticada por um membro da própria residência. As políticas públicas apresentadas até o momento vêm se mostrando ineficientes quanto a conceitos de entendimento das hostilidades e das ferramentas necessárias para enfrentá-las. Essa questão é compreendida como uma doença social, que deve ser combatida com ações de atuação policial, maior rigor nas leis e no trabalho do poder judiciário. Porém, a violência antes de ser uma doença social, é um sintoma que as sociedades atuais apresentam diante de diversos outros problemas que acarretam no fomento da violência.

O *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, o *IBGE*, divulgou um estudo sobre a violência no país nos últimos vinte anos, e os dados apresentados mostraram um aumento significativo das agressões. Entre 1992 e 2004, houve um acréscimo em mais de sete do número médio de mortes no Brasil para cada cem mil habitantes. A região Sudeste apresentou a maior taxa de mortes por homicídios. No estado do Rio de Janeiro, atual líder entre os estados no índice de homicídios, principalmente pela problemática do poder paralelo criado nas favelas e morros da cidade em torno do tráfico de drogas, a média levantada foi de cinquenta e uma mortes a cada cem mil habitantes. No mesmo quadro de comparação segue o estado do Espírito Santo, com cinquenta homicídios. Em

São Paulo, estado mais rico da república, em 2007 foram registrados onze mortes a cada cem mil habitantes, número que girava em torno de quinze no ano anterior e trinta e seis em 1999, índices que, apesar de menores, já retomaram um viés de alta novamente nos últimos anos, dados ainda não pesquisados oficialmente, mas apresentados em reportagens na mídia.

Ainda segundo o trabalho apresentado pelo *IBGE*, entre 1991 e 2000, aumentaram em noventa e cinco por cento as taxas de mortalidade por homicídios com uso de armas de fogo, entre homens de quinze a vinte e quatro anos. Em 2000, as maiores taxas eram nos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco, Espírito Santo, São Paulo, e o Distrito Federal. Em números absolutos, os assassinatos com uso de armas de fogo foram de cinco mil duzentos e vinte homens em 1991, na mesma faixa etária citada acima, número que chegou a doze mil em 2000.

Já no próximo ano o Brasil passará por uma nova pesquisa censitária que contará, pela primeira vez em mais de vinte anos, com questões relacionadas à violência, com perguntas, por exemplo, referentes à agressão doméstica sofrida por mulheres. Com esse novo trabalho, estes índices apresentados neste presente estudo, poderão ser atualizados, o que permitirá a comunidade científica uma melhor observação sobre esse quadro.

2. A presença da violência na Mídia

Com toda essa situação colocada de descrição e definição da violência incluindo dados estatísticos oficiais, evidencia-se o papel da mídia de modo geral em observar todos esses fenômenos sociais apresentados, bem como mostrá-los à sociedade como forma de promover uma discussão social sobre o tema.

No Brasil, um país que se aproxima de ter duzentos milhões de habitantes, a televisão é um veículo midiático fundamental para a difusão da informação. Segundo dados apresentados pela *Associação Brasileira de Propaganda, a ABP*, existem em 2009 no país quatrocentas e dezesseis emissoras de televisão, três mil oitocentas e seis emissoras de rádio, mil novecentas e cinquenta revistas espalhadas por trezentas

editoras, além de outras mil seiscentas e setenta e seis revistas técnicas, mil trezentas e setenta e sete salas de cinema e dois mil seiscentos e oitenta e quatro jornais. Porém, em números que traduzem o alcance da mídia em relação à população essa diversidade tem uma grande mudança. A televisão atinge aproximadamente noventa e oito por cento das residências brasileiras, contra o baixo índice de quatro por cento da população que lê jornais. Esses números apresentados pela *ABP*, associados às condições de educação da população nacional, notoriamente deficitárias, demonstram a importância para a população brasileira da televisão como veículo informativo. O telejornal, portanto, para muitos é a única fonte de ter contato com a realidade mundial e da sociedade brasileira, com os acontecimentos e decisões de Brasília, bem como o que está acontecendo em sua cidade, seu bairro, locais onde está ocorrendo um maior número de assaltos, e que por isso, exigem um maior cuidado do cidadão.

Como levantado no parágrafo acima, o sistema educacional brasileiro possui sérios problemas, de diversas naturezas, como questões de infra-estrutura, de formação adequada dos profissionais de educação, de materiais didáticos, inclusive de violência dentro das salas de aula entre alunos e deles com os próprios professores. Esses problemas têm também características regionais, como, por exemplo, em municípios no interior do nordeste brasileiro onde alunos não têm condições apropriadas para assistir uma aula e, muitas vezes, residem há horas dos locais do estudo, sem transporte adequado. Outro exemplo se dá em muitas instituições do ensino público na região sudeste, a mais rica do país, porém com altos índices de criminalidade e vandalismo escolar, onde se convive cotidianamente no ambiente estudantil com atos de agressão. Por esse motivo, a mídia poderia exercer uma função muito mais participante na educação da população brasileira, uma vez que na *Constituição de 1988* o papel dos meios de comunicação, segundo o artigo 221, é estabelecido sob quatro pilares obrigatórios em sua grade, a educação, a promoção da arte e da cultura nacional, o entretenimento da população e a correta informação. Diante desse fato, é preciso compreender que a televisão, principalmente pela questão do alcance da população, deveria focar sua programação sobre esses quatro fundamentos, o que não ocorre por sua característica ligada ao modelo atual de telejornalismo, no qual as notícias veiculadas trazem os fatos sem uma contextualização e uma reflexão dos mesmos diante de outros fatos e da realidade social, coisa que outras mídias abordam de maneira mais aprofundada. Especificamente se atendo a questão da violência urbana, o telejornalismo,

de forma geral, tem apresentado os acontecimentos de modo isolado e, muitas vezes, até superficialmente, sem contextualizar a realidade envolvida, tão pouco os personagens ali envolvidos.

3. Em Qualquer que Seja o Meio

A violência está por toda a parte na vida de uma pessoa, e os meios de comunicação não são diferentes. O tema é abordado das mais diferentes formas, por todos os produtos ou veículos de mídia. Um grande exemplo dessa utilização nos mais diferentes trabalhos é a dramaturgia, não somente a representação televisiva dessa arte, que no Brasil tem grande apelo social, mas nessa prática como um todo. O maior exemplo possível dessa utilização de atos hostis pela dramaturgia mundial é o cinema, nos mais diferentes gêneros de filmes, não somente nos de ação.

Grandes bilheterias do cinema internacional contêm cenas explícitas de violência, como a trilogia de *O Poderoso Chefão*, na saga da família Corleone, retratando a máfia, ou em *Apocalypse Now*, ambos do diretor norte americano Francis Ford Coppola; os suspenses de Alfred Hitchcock e os filmes que remontam guerras reais, ou a atuação de gangues urbanas. São inúmeros os exemplos quando se trata de violência no cinema, até mesmo em longas-metragens voltados para o universo infantil, nas animações como em *O Rei Leão* e a luta entre irmãos pela busca do poder. Diferentemente de um telejornal, onde a matéria básica é a informação, ou pelo menos a busca dela, o filme retrata uma realidade buscando demonstrar suas sensações, provocar o suspense, descrever cenas e ambientes, e com essa característica acaba também transmitindo a violência quando o tema abordado tem como centro essa realidade.

Um filme em especial que marcou um acontecimento concreto no Brasil sobre essa transmissão de violência foi o longa-metragem *Clube da Luta*, dirigido por David Fincher e contracenado, entre outros atores, por Edward Norton, Brad Pitt e Helena Bonham Carter. Exibido em 1999, o filme provocou em um estudante de medicina de São Paulo um ato de extrema violência, ou de insanidade. Ele entrou em uma sala de cinema na zona sul da capital paulista que exibia o filme e atirou contra as pessoas que estavam ali assistindo. Deixando problemas psicológicos ou mentais de lado, que aqui

não cabem ser aprofundados, o fato é que o estudante Matheus Meira, em contato com esse produto cinematográfico teve uma reação de extrema hostilidade, algo que mesmo sendo extremo, serve para mostrar que a sociedade convive diariamente com a violência na mídia, sendo nesse momento mais especificamente, na sua relação com a grande tela da sétima arte.

Os outros meios de comunicação também abordam o tema de violência se baseando em suas próprias características. Antigamente existiam exemplos de jornais impressos brasileiros totalmente voltados para o tema de violência. Expressões como ‘espreme que sai sangue’ eram de conhecimento público na definição de alguns desses jornais considerados sensacionalistas, principalmente por sua linha editorial apelativa, como no extinto jornal *Notícias Populares*.

Nos dias de hoje, a imprensa escrita voltada meramente à cobertura da criminalidade perdeu espaço, devido à agilidade de outros meios comunicacionais eletrônicos. Hoje os jornais possuem páginas dedicadas à cobertura policial, mas não se colocam exclusivamente a trazer o assunto em seus exemplares. No entanto, isso não quer dizer que a violência não está presente, pois o simples ato de escolher uma foto mais sensacionalista, uma cena de crime evidenciando corpos e balas de revólver, por exemplo, ainda trazem ao jornal impresso a possibilidade de uma cobertura mais escandalizante e assim, violenta.

A internet também aborda a criminalidade e a violência em seu conteúdo. Os grandes portais da rede ao divulgar uma notícia sobre esse fenômeno, têm a possibilidade de disponibilizar *links* de outras matérias ligadas a esse tema, para que o leitor possa correlacionar os diversos acontecimentos de criminalidade. Essa característica própria do meio é que diferencia a cobertura dada à violência pela internet, já que essa ferramenta dá a chance aos produtores de informação a contextualizar melhor os fatos, analisar suas causas e assim, melhor informar a sociedade. Porém, isso não é uma regra, podendo ou não acontecer, dependendo, portanto, da forma com que a informação é produzida.

Outra característica peculiar da rede é que não há limite para as publicações. Uma vez acessada a internet, o internauta tem o poder de navegar nos sites dos meios de comunicação tradicionais, onde as notícias veiculadas são trazidas por profissionais da imprensa, mas também podem acessar outras mídias ali colocadas, como as redes

sociais, os blogs e os sites de relacionamento e compartilhamento de informações, bem como os diversos programas que possibilitam a comunicação instantânea.

Essa liberdade por si só é um fator positivo do meio, permite a constante troca de experiências e a liberdade de expressão de todos, mas também possibilita a existência de promoção de ações condenáveis, como o fomento da violência. Hoje, é muito comum na internet a existência de grupos que combinam antecipadamente a realização de atos violentos nas ruas, gerando cada vez mais manifestações com esse caráter. Grupos neonazistas, por exemplo, encontraram na possibilidade do anonimato que a rede permite um local propício para divulgar e difundir suas idéias de segregação, preconceito e violência contra determinados grupos étnicos, ou de indivíduos com uma opção sexual diferente à deles. Brigas de torcida no esporte, encontros de gangues rivais, pedofilia, são outros exemplos de violência que encontram na rede mundial de computadores uma forma de se promover e ganhar adeptos.

Já o rádio, um meio que, por sua agilidade, tem hoje um caráter de informação imediata, no passado foi um dos veículos de comunicação que mais trabalhavam com as notícias de hostilidade. Ícones como Gil Gomes, Afanásio Jazadji, Luiz Carlos Alborghetti, entre outros, traziam para as notícias policiais um jeito muito peculiar que influenciaram posteriormente o fomento de telejornais voltados à essa mesma fórmula, abordado mais à frente nesta narrativa.

Voltando ao meio de comunicação escolhido para esta pesquisa, a televisão também tem uma forma peculiar de tratar em sua programação o tema abordado neste trabalho, o fenômeno da violência. Nela, as agressões permeiam toda a sua grade de programação. Os mais diferentes modelos de produtos televisivos abordam o tema violência, desde os desenhos animados voltados ao público infantil, até os telejornais, perpassando pelos auditórios e as telenovelas. Até nos programas voltados para o entretenimento, que deveriam ser um momento de descontração e lazer para os telespectadores, abordam cada vez mais a temática da violência na sociedade contemporânea.

Existem exemplos de produtos televisivos voltados à cobertura de celebridades e à repercussão de outros programas da própria tv que, em um momento de apelo popular, trazem casos de violência em destaque. Um exemplo disso ocorreu na cobertura dada pelo programa *A tarde é sua*, da *Rede TV*, veiculado no período vespertino e que tratou do famoso “caso Eloá”, onde uma jovem estudante ficou dias

seqüestrada em sua própria residência, junto com uma amiga, pelo seu namorado. A apresentadora do programa, jornalista Sônia Abraão, abriu espaço ao vivo em seu programa para o seqüestrador expor o seu momento, suas exigências. Na época, as autoridades policiais condenaram tal postura, já que a apresentadora não possui nenhum treinamento, nem experiência, em solucionar casos de seqüestro. A cobertura dada ao caso pelo programa poderia ter sido de maneira diferente, apenas noticiando o seqüestro e fazendo um debate sobre o assunto. No entanto, a exposição dada, além de divulgar de forma desnecessária a violência, pode ter interferido no decorrer dos acontecimentos, já que, após o contato do programa, o seqüestrador passou a fazer outras exigências que ainda não tinha feito, segundo entrevistas dadas a outros veículos das autoridades policiais de negociação, o que incluía até outras entrevistas do criminoso em outros veículos de comunicação. Frases como “calma velho, estamos aqui para te ajudar” e “fala para mim o que você quer” fizeram parte da entrevista realizada por um repórter da equipe do *A Tarde é Sua*.

Em relação à teledramaturgia brasileira, o retrato da violência tem bases na vida real. Geralmente, os autores tentam colocar em suas tramas os diversos atos criminosos que acontecem diariamente na vida dos próprios telespectadores e de toda a sociedade. Esse fator leva também à uma exposição violenta. Cenas como assaltos, assassinatos, entre outros, estão presentes no cotidiano do cidadão, e por conseqüência também nas telenovelas. Assim, essas pequenas demonstrações de hostilidades, em todos os programas televisivos mencionados, resultam em uma grande exposição.

Nos telejornais de forma geral, a violência é retratada sob duas óticas, a primeira delas refere-se à violência urbana rotineira, já a segunda dirige-se aos casos excepcionais que acabam gerando forte apelo social e, por isso, são exaustivamente divulgados pela televisão, como no caso citado acima, que acaba permeando outros modelos que não só o telejornal. O primeiro caso, de violência cotidiana, abrange os acontecimentos mais corriqueiros e que ocorrem com maior freqüência em uma sociedade, principalmente nas grandes metrópoles. Agressões domésticas, à criança, balas perdidas nos confrontos entre polícia e o narcotráfico, entre outros, são casos que aumentam a cada dia e que encheriam os noticiários, por isso, esses fatos são abordados como cotidianos e não são divulgados com tanto espaço quanto os casos excepcionais, ainda que as pessoas se interessem bastante por esse tipo de notícias.

Um exemplo de caso corriqueiro e que o telejornal trabalhou de forma errônea aconteceu na capital paulista em 2008. A atuação dos telejornais transformou um caso isolado em um modelo de atuação criminosa que até no dia da elaboração do presente texto ainda está acontecendo como prática. A batizada ‘ganguê da marcha ré’, que atuou em assaltos a lojas de artigos de vestuário de luxo nas ruas de São Paulo, invadindo os estabelecimentos usando carros roubados, os jogando contra as suas portas, foi apresentada nos telejornais com tanta riqueza de detalhes que tal prática acabou sendo copiada por outros grupos de assaltantes. Esse detalhamento não trouxe mais informação à população, mas sim possibilitou o aprendizado dessa nova forma de crime. Nesse tipo de notícia, os produtores e editores de um telejornal devem ponderar o quanto às imagens e a descrição dos fatos são importantes, pois há nesse ponto uma linha tênue entre informação e promoção de práticas.

Um modelo de telejornal muito veiculado na televisão brasileira é o Telejornal Vespertino, um gênero que foi difundido por vários telejornais ícones do passado e que hoje ainda tem exemplos que praticam tal modelo. Durante anos existiram diversos telejornais com esse formato, tendo como precursor o *Aqui Agora*, telejornal da emissora *SBT (Sistema Brasileiro de Televisão)*, que estreou em 1991 e já se baseava também em programas televisivos mais antigos na grade televisiva nacional, como, por exemplo, *O Homem do Sapato Branco*, e outros, além de muitas práticas advindas do rádio, como nos casos citados anteriormente de Gil Gomes, que trabalhou no *Aqui Agora*, Afanásio Jazadji e Luiz Carlos Alborghetti.

Alborghetti foi o primeiro radialista a chegar à frente de um telejornal vespertino, telejornal chamado de *Cadeia*, semelhante e homônimo a seu programa de rádio, este do ano de 1976. O *Cadeia* televisivo estreou em Londrina, no estado do Paraná, em 1982, chegando a rede nacional pela *CNT* dez anos mais tarde. Sua atuação era marcada por seu discurso ríspido, uma toalha pendurada ao pescoço e um cassete semelhante ao usado por forças policiais que era utilizado como forma de descarregar sua tensão oriunda das informações trazidas pelos repórteres. Já neste telejornal fundador de um gênero, que denomino como Vespertino, mesmo encontrando alguns exemplos de telejornais dentro deste modelo que fogem do horário do fim da tarde (uma característica comum a estes telejornais policiais do início da década de 1990 e que se perpetuou nos mais atuais), havia essa entonação no discurso, de se colocar como repressor da violência, punitivo e como única visão de toda à sociedade.

Hoje, esse modelo passou por modificações, com uma maior regionalização, com diversos exemplos de telejornal espalhados pelo Brasil, como no caso das capitais Salvador, Recife, Fortaleza e Curitiba. Porém, ainda existe um representante nacional com uma audiência significativa, o *Brasil Urgente*, telejornal apresentado pelo jornalista José Luiz Datena, advindo do telejornalismo esportivo e que trabalha com a violência nos mesmos moldes de outros telejornais vespertinos anteriores há mais de dez anos.

O *Brasil Urgente*, telejornal utilizado para estudo nesta dissertação, também tem como característica básica realizar a cobertura policial. Seu formato é semelhante aos seus concorrentes anteriores, *Cidade Alerta* da Rede Record (também com apresentação de José Luiz Datena) e *Repórter Cidadão da Rede TV* (este sob o comando do também jornalista Marcelo Resende), ambos já retirados das grades de suas emissoras, mas já substituídos por outros, estes apenas regionais. Durante a sua exibição diária, com duração de uma hora e cinquenta minutos (das 17h30min a até 19h20min), existem diversas entradas de jornalistas ao vivo e também entrevistas mais focadas a autoridades policiais, da administração pública e de parte da população, menos abastada economicamente, e com problemas sociais graves, como de saúde, moradia, ou ainda envolvidos em alguma tragédia, seja ela natural ou com outra origem, como acidentes ou problemas com a violência.

Outra ferramenta utilizada como forma de aproximar-se do telespectador é a utilização de um helicóptero para acompanhar diligências policiais e problemas ainda em curso, desde os mais simples, como no caso do trânsito, até desastres. As reportagens buscam um enfoque mais trágico, com crimes bárbaros ou com atos estereotipados, com aspectos muitas vezes bizarros, mas sem qualquer preocupação com a discussão do fato. Durante as incursões ao vivo, mesmo sem que exista uma informação apurada, já se pode observar o discurso punitivo do apresentador.

O telejornal vespertino, em resumo, se caracteriza pela exibição da violência, muitas vezes com cenas chocantes, mas sem a preocupação de pensar na presença dessa violência na sociedade. No próximo capítulo, tem-se o início da reflexão sobre essa presença social da violência, como isso acontece e porque a mídia reproduz essa violência na busca de audiência, sem se preocupar com um aprofundamento dessa questão pelos telespectadores do telejornal.

Hoje, vive-se uma sociedade do controle, como apresentado por Michel Foucault em seu livro *Vigiar e Punir*. O discurso do telejornal vespertino, bem como o

uso do helicóptero em suas apresentações ao vivo, é uma clara demonstração desse olhar controlador sobre a sociedade, uma ótica que a mídia vem se concedendo arbitrariamente. Hoje, todo cidadão já está sob constante vigilância. Bancos, ônibus, nas ruas, nos elevadores, no trânsito, em seus condomínios, nos supermercados e nos *shoppings centers*, seja qualquer o local em que se encontre coletivamente, há sempre câmeras observando os passos de todos, com a pseudo-falácia de garantir maior segurança, o que não necessariamente condiz com a realidade. Uma câmera em um ambiente comercial não gera segurança a todos, mas sim ao proprietário quanto ao número de furtos em seus estabelecimentos. A todos, a presença dessas câmeras só representa uma total falta de privacidade.

Sob esta mesma lógica, a mídia se coloca como órgão fiscalizador de toda a sociedade, um verdadeiro *ombudsman* da população. O telejornalismo vespertino e seu apresentador, portanto, se colocam como responsáveis de observar a punição dos agressores da comunidade, seja esse agressor julgado ou não pela justiça, já que o próprio telejornal já estabelece tal julgamento. Frases como ‘esse cara merece cadeia, cadeia nele’, e *slogans* como ‘a realidade das ruas’, ambos usados pelo *Brasil Urgente*, presentes aqui como exemplo, demonstram bem essa postura de fiscal, juiz e carrasco, também arbitrariamente impostos pelos produtores do telejornal vespertino.

Toda essa lógica trazida por Michel Foucault e que pode ser percebida pelo discurso do telejornal vespertino quanto à sua postura diante de notícias de criminalidade, sejam elas mais graves ou não, será abordada no próximo capítulo, levantando pontos da teoria de Foucault, e outros autores. Também será retratada a forma que o telejornalismo vespertino se coloca diante do fenômeno social da violência, ou seja, a constante vigilância, a postura punitiva nos discursos e a maneira com que são colocadas no texto dos apresentadores do telejornal a ‘verdade’ sobre esses acontecimentos. Uma verdade que o jornalismo praticado nesses telejornais se apropria como única e homogeneia, assim como está posto no *slogan* do telejornal abordado nesse trabalho, ‘a realidade das ruas’; O *Brasil Urgente* contém a realidade de toda a sociedade brasileira e, o discurso do apresentador, não pode ser diferente da opinião de todos quanto a determinado fato por ele veiculado.

Capítulo II

Violência e Mídia

No desenvolvimento da discussão do capítulo anterior e sua apresentação do fenômeno social da violência e da mídia quanto a esse fenômeno social, esse segundo capítulo traz a discussão de alguns conceitos sociais de diferentes autores que se colocam de maneira importante para compreender o contexto que se encaixa o fenômeno da violência. São utilizados autores como Michel Foucault e sua obra intitulada *Vigiar e Punir*, com sua observação sobre o funcionamento do Estado e por meio da regulação da ação social através de mecanismos de opressão da população, que não se dá apenas na superestrutura, mas também nas pequenas inter-relações pessoais. Utilizando as palavras que o autor se refere, o estado 'vigia e puni' os cidadãos para manter o sistema funcionando, sem que existam grandes transformações, ou seja, manter a classe dominante e os oprimidos nos mesmos patamares sociais que os precederam de tais ações dos dominantes.

Outro autor abordado é Louis Althusser, através de seu livro *Aparelhos Ideológicos de Estado*, que trabalha a também manutenção social através de mecanismos sociais de atuação ideológica, sendo a mídia um deles, e que possivelmente utiliza desse mecanismo de forma violenta no discurso do telejornal vespertino, quando se trata da discussão sobre tal fenômeno social.

Também é apresentado neste segundo capítulo pontos dos *Estudos Culturais Ingleses*, através de Stuart Hall, e a utilização de idéia de que a sociedade se reconhece através da cultura popular que ganha espaço na atuação midiática do telejornal vespertino, além de criar novos conceitos e mediações para esta população por meio de sua cultura como contrapondo diante da cultura da classe social dominante. Vale ressaltar que este trabalho mesmo relativizando a imposição midiática como hegemônica com o conceito das mediações sociais, esta pesquisa não trabalha mais afundo tal realidade, mas evidencia seu papel social presente nas sociedades contemporâneas em geral, mesmo naquelas em que o poder de repressão se dá mais ostensivamente, através do uso da força, como em diversos casos espalhados pelo

³ *Brasil Urgente* (08/02/2010)

mundo e até no Brasil, como se via antigamente no coronelismo nordestino, que ainda vigora em algumas localidades.

Seguindo para uma abordagem mais direta a televisão, a discussão segue para a utilização da violência como forma de atração de audiência. Nesse ponto os autores trabalhados são Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl, em seu trabalho de análise da televisão e de seus diversos programas, como o telejornal. Ainda haverá a participação de Laurindo Leal Lalo Filho, com sua demonstração de carência de uma normatização para a televisão, bem como a utilização de códigos já existentes pelos diversos agentes sociais que buscam atenuar o poder hegemônico da TV no país, como a *Constituição Federal* e os *Estatutos de Defesa do Consumidor* e o *Da Criança e do Adolescente*.

1. Vigiar a Sociedade

Dentro da organização em sociedade presente no mundo capitalista, existem mecanismos inseridos em todo o corpo social que tem como função manter um olhar de vigia sobre todo integrante dessa realidade. Há ininterruptamente uma observação de todos os agentes sociais sob uma ótica de normatização da vida cotidiana, ou seja, de controle de qualquer atividade dos indivíduos que fuja do comum, do previsto, do padrão estabelecido, que não esteja dentro de parâmetros constituídos para a promoção de uma manutenção social, o que mantém dessa forma as relações de poder estáveis, não mutáveis. Conhecer, portanto, o comportamento humano rege essa lógica de observação, para com isso não gerar mudanças dentro da sociedade.

Segundo Foucault, há um programa disciplinar espalhado por toda a sociedade para que com isso a hierarquia estabelecida pelos detentores do poder, seja ele econômico, político, ou de qualquer outra natureza, dependendo este poder do contexto em que está, seja sempre mantida, havendo assim uma conservação desse domínio à quem a priori o detêm. As diversas instituições presentes em uma organização social atuam dentro dessa lógica descrita para vigiar as pessoas em suas ações, das mais diversas. Uma possível alusão encontrada na obra do autor é da obra arquitetônica utilizada no início do século passado em presídios e manicômios, bem como em fábricas e escolas, o chamado Panóptico.

A descrição física do Panóptico demonstra bem toda a dinâmica de controle existente na sociedade. O Panóptico é uma edificação esférica com uma torre de vigilância ao centro. Todo o prédio que envolvia a torre era separado em pequenas celas voltadas para o centro de observação, com o objetivo de colocar em cada um desses pequenos ambientes uma criança aprendendo a escrever, um operário a trabalhar, um prisioneiro a ser corrigido, um louco que busca a cura para os seus devaneios. Seja quem estiver em tal ambiente, através dessa arquitetura a pessoa era permanentemente observada e, conseqüentemente, controlada, produzindo no observado um sentimento constante dessa influência. Além disso, há também a hierarquização das relações dentro da sociedade, para que com ela exista uma interligação entre os que detêm o poder, a classe dominante, com os que são observados, ou seja, aqueles que estão num nível hierárquico abaixo dos que mandam através da observação e punição. Essa maneira que se assemelha a organização militar foi levada à sociedade através do desenvolvimento do capitalismo industrial no século XVIII.

A vigilância hierarquizada, contínua e funcional não é, sem dúvida, uma das grandes “invenções” técnicas do século XVIII, mas sua insidiosa extensão deve sua importância às novas mecânicas de poder, que traz consigo. O poder disciplinar, graças a ela, torna-se um sistema “integrado”, ligado do interior da economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre os indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo. [...] induzir no detido um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento autoritário do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente nos seus efeitos, mesmo que descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda tornar inútil a atualidade do seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vivia. [...] O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto. (Foucault, 1997: 148, 166 e 167).

Com toda essa relação de poder na observação e no conhecimento da ação individual de cada um na vida coletiva, se tem a forma com que se concretiza as relações de poder atualmente, por que combater os delitos ao padrão estabelecido, antes

de mais nada, não se dá mais através da violência física, como descrito por Foucault no início de sua obra, quando o autor descreve toda história do suplício e da punição. O controle hoje é exercido hoje com mecanismos psicológicos, pois há sempre um observador, um inspetor das ações de cada um, um observador onipresente e detentor absoluto das punições.

O Panóptico (...) tem seu princípio não tanto numa pessoa como numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos, produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos (...) Pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados (...) Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmos; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis: torna-se o princípio da sua própria sujeição. O Panóptico (...) deve ser compreendido como um modelo generalizável de funcionamento; uma maneira de definir as relações de poder com a vida quotidiana dos homens. (Foucault, 1997: 167, 168 e 169).

Outro fator desse controle no observar social é que as punições existentes aos agressores das normas estabelecidas devem receber uma punição pública, para que essa cena, muitas vezes mostradas como grandes espetáculos, algo que se ampliou exponencialmente com o desenvolvimento midiático e as novas tecnologias, como as transmissões via satélite e a própria internet, veículo mais novo e que encurtou ainda mais o tempo de transmissão das informações, funcionem como um inibidor de possíveis outros transgressores das regras. Utilizando-se novamente da alusão do Panóptico como essa realidade, nele ocasionalmente se escutavam gritos aterrorizados, mas não eram produzidos por prisioneiros. Proviam de pessoas contratadas exclusivamente para produzir os ruídos. A punição aparente, fictícia, produziria em cada um a noção de ordem e disciplina mantida, ao mesmo tempo em que não produzia nenhum mal, já que tais gritos eram forjados.

Toda essa dinâmica está baseada em uma estruturação ficcional, onde o poder de controle é exercido pelo detentor do poder, que está sempre presente, em qualquer lugar, mas nunca se materializa. Por não se fazer presente em uma forma humana simula-se o poder da observação por várias outras formas, seja ela como no exemplo utilizado por Foucault através da arquitetura, seja sobre outros mecanismos sociais, como um documento oficial com um carimbo do poder judiciário ou mesmo o tempo e a sua hierarquização em horários para privilegiar algumas atividades em detrimento a outras. Há estudos que apontam para o ócio criativo, por exemplo, algo apresentado pelo teórico italiano Domenico de Masi, onde ele propõe uma mudança na organização do trabalho contemporâneo, para que com isso as pessoas tenham mais tempo em sua vida particular e no lazer e, dessa forma, produzir mais e com mais qualidade em menor número de horas trabalhadas, o que só demonstra ser também o tempo um fator de controle através da observação.

Essa mesma lógica, de prática do poder na observação do comportamento humano por figuras e ferramentas (não humanas) é a mesma lógica utilizada em alguns textos de ficção científica e, num exemplo mais atual e midiático, nos *Realitys Shows*. O *Big Brother* é exatamente isso, o poder na mão do observador. Essa constante vigilância também pode ser utilizada como forma de imposição de regras, tarefas e formas de agir à uma comunidade ou toda a sociedade. Foucault demonstra que várias práticas podem ser inseridas para a vida cotidiana por meio desse poder dicotômico que dá nome à sua obra, *Vigiar e Punir*. Essa manipulação promove a manutenção do controle e toda a sua eficácia em toda a sociedade, até se utilizando de experiências, sejam elas de comportamentos, práticas, cobranças de taxas, proibições, e outras, com a possibilidade de serem mutáveis, podendo promover a vigilância ou ir contrário a ela, sendo retirada caso isso ocorra. Essas facilidades de mudanças de regras, colocadas inicialmente como apenas tentativas, funcionam como num treinamento de adestrar, já que como a sociedade está sendo sempre observada, também está em contínuo teste, sempre esta sob avaliação.

O Panóptico (...) permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias, maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido (...) Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído (...) Vigiar todas as dependências onde

se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem, assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é (...) que as pessoas se encontrem presas numa situação e poder de que elas mesmas são as portadoras (...) o essencial é que elas se saibam vigiadas. (Foucault, 1997, pág. 170). O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade (...) A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível. (Foucault, 1997: 154).

1.1. Punição ao corpo difere às ideológicas

Todo esse controle social descrito por Foucault partiu de sua observação e de seu trabalho histórico sobre o suplício, a punição física dos transgressores das normas, leis e costumes, que foi se desenvolvendo para o que hoje enxergamos em nossa sociedade no sistema penitenciário prisional, que puni basicamente pela privação de liberdade, mas que na realidade tem muitas outras questões a serem levantadas na prática.

Essa observação, que nada mais é do que a busca da manutenção do controle, é exercida tanto em uma esfera de super estrutura, ou seja, através de meios que atingem toda a coletividade, como também através de instituições mais próximas de cada indivíduo. Portanto, estando em uma sociedade, lógica esta claramente potencializada no mundo capitalista, há sempre uma regra de atuação para os seres humanos, regras que se transpostas acarretarão necessariamente em sanções e punições, estas também de características das mais diversas.

No momento em que um governo nacional cria mecanismos para observar as receitas monetárias de cada cidadão, o chamado *Imposto de Renda*, por exemplo, ele institui um controle sobre este indivíduo. Se ele ganhar mais do que previamente estava planejado a ele, ele pagará mais impostos, caso o contrário ocorra, não há qualquer compensação a ele. Neste caso houve um controle econômico, mas há outros modos de controle que buscam manter esta relação com os mesmos envolvidos, governo e sociedade.

Também nas inter-relações sociais há os mecanismos citados. A família, a escola, a igreja (encarada como entidade e não como religião) são também formas de vigilância social, já que moldam as pessoas para viver dentro de suas comunidades, em determinados costumes, crenças e parâmetros e que assim, mantêm as formas de poder inalteradas.

Há duas formas distintas de punição à transgressão das regras sociais observadas pelos mecanismos até aqui exemplificados. Há penalidades concretas, físicas, como na atuação policial contra a criminalidade, e as penas ideológicas, como questões econômicas e, algo muito presente hoje, como a marginalização de estereótipos, algo que leva a vários momentos de violência e intolerância.

Para Louis Althusser, toda a organização do Estado se dá através de diversos mecanismos que operam o controle social, controle este regido pela lógica da observação até aqui descrita. Tais mecanismos foram denominados pelo autor como Aparelhos do Estado, que se diferem em duas naturezas básicas, os Aparelhos Repressivos do Estado, como o corpo policial, militar, que são controlados pelo poder público e os Aparelhos Ideológicos do Estado, que tem uma natureza privada e atuam sobre as mais diversas áreas da sociedade, sempre ideologicamente. Para o autor que, assim como Foucault trabalha sob o pensamento marxista, a ideologia é materializada nas ações práticas de cada uma das instituições do Estado, e o discurso, este funcionando como prática social, seria por consequência, o que ele chama de Ideologia Materializada.

Eles não se confundem com o aparelho (repressivo) do estado. Lembremos que, na teoria marxista, o aparelho de Estado (AE) compreende: o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc, que constituem o que chamaremos a partir de agora de aparelho repressivo do Estado. Repressivo indica que o aparelho de Estado em questão “funciona através da violência” — ao menos em situações limites (pois a repressão administrativa, por exemplo, pode revestir-se de formas não físicas. Designamos pelo nome de aparelhos ideológicos do Estado [AIE] um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob forma de instituições distintas e especializadas. [...] AIE religiosos (o sistema das diferentes Igrejas), AIE escolar (o sistema das diferentes “escolas” públicas e privadas, AIE familiar, AIE político (o sistema político, os diferentes Partidos, AIE sindical, AIE de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc ...), AIE cultural (letras, belas artes, esportes, etc ...)) (ALTHUSSER, 2001: 67 e 68).

Todas as instituições de alguma forma atuam tanto de uma maneira ideológica, quanto com o uso da violência, seja ela física ou não. O que difere as instituições públicas das privadas é que na atuação pública, há uma predominância da ação repressiva, ou seja, mesmo a polícia utilizando muito mais da força em seu trabalho, o simples uso da farda garante ao agente público, ao policial, um poder ideológico de atuação que outros integrantes da sociedade não o têm.

Os aparelhos repressivos são os que garantem a reprodução da organização de produção de toda a sociedade, ou seja, sua função é garantir as relações de trabalho da sociedade, por isso, mantém as condições políticas de atuação dos aparelhos ideológicos e assim, mantém em todo o corpo social o ideal de classe dominante, que domina esse aparelho repressor. Da mesma forma, os aparelhos ideológicos, privados, mesmo que em sua maioria do tempo ajam sob a ideologia, também se utiliza da hostilidade, como nos discursos inflamados de algumas Igrejas, ou no telejornalismo vespertino, que será analisado na seqüência, com seu discurso carregado de punição aos que foram flagrados em sua tela inquiridora.

Sendo, portanto, os meios de comunicação também agentes de controle do poder observatório que constitui toda a organização coletiva, toda a atuação midiática dos veículos de comunicação, bem como os outros aparelhos ideológicos, atuam nessa relação de dominação capitalista e de manipulação social pela ideologia.

2. A Indústria Cultural

Tido para muitos como a principal análise crítica feita sobre a Comunicação, a chamada Escola de Frankfurt têm como seu ponto de partida um dos pensamentos elementares da teoria que Karl Marx desenvolveu no século XIX, a questão de mercadoria no mundo capitalista.

Essa Teoria da Comunicação colocou todo o pensamento marxista em contato com o que hoje denominamos como meios de comunicação de massa, o que se tornou

corriqueiro, mas que na primeira metade do século passado causou espanto, a visão de uma massa humana agindo e lidando entre si mutuamente.

Em meio à ascensão nazi-fascista em toda a Europa, e posteriormente vivenciando o mercado capitalista liberal dos Estados Unidos, Adorno pode desenvolver seu raciocínio sobre a Comunicação de Massa vivenciando muitas das situações que o levavam a tais conclusões. A busca inicial era entender como após o Iluminismo, a humanidade caminhou para algo tão distante da razão, o ambiente vivido principalmente na Alemanha, Itália e Espanha, mas que permeava toda a sociedade européia.

Com o pensamento de Marx posto, e sua definição sobre o Capitalismo como mais um período da história humana, e que ao contrário da Idade Média, onde as relações de acúmulo de riquezas eram claras, ou seja, nas intermediações entre senhores e servos, ou nas sociedades escravistas com o escravo, no Capitalismo esse enriquecimento se dá através da transformação de qualquer produto humano em mercadoria, e entenda produto como algo que apresente a atuação humana, a Escola de Frankfurt teve o embasamento teórico necessário para definir seu fio condutor de ideologia, o que se chamou pelos frankfurtianos de Indústria Cultural.

A Indústria Cultural é determinada como a lógica que define toda a produção intelectual humana, seja ela em qual for o ramo de atuação do sujeito, delimitando o pensamento humano e assim, esvaziando o sujeito de sua autonomia. Vale ressaltar que essa lógica está colocada sob a ótica do Capitalismo, transformando a cultura em uma mercadoria voltada para o consumo. Há uma fusão entre cultura e entretenimento sob a lógica do consumo, onde a realização se dá através do ato de consumir, com as ações e reações humanas estão presentes nessa cultura industrializada e, por conseqüência, o pensamento do Homem é sufocado, se esvazia.

A indústria Cultural é a indústria de divertimento [...] O espectador não deve trabalhar com a própria cabeça; o produto prescreve toda e qualquer reação: não pelo seu conteúdo objetivo – que desaparece tão logo se dirige à faculdade pensante – mas por meio de sinais. Toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada. [...] Se os desenhos animados têm outro efeito além de habitar os sentidos a um novo ritmo, é o de martelar em todos os cérebros a antiga verdade de que o mau trato contínuo, o esfacelamento de toda resistência individual, é a condição de vida nessa sociedade. Pato Donald mostra nos desenhos animados como os infelizes são espancados na realidade, para que os espectadores se habituem com o procedimento. (ADORNO, 1997: 30 e 31)

Os processos de controle, típicos do trabalho de produção capitalista também estão na produção cultural, que tenta mensurar previamente o consumo e assim, direcionar a produção cultural para esse consumo. A lógica é atingir o consumo, não apenas com a publicidade e o marketing, mas no controle das reações espontâneas de cada indivíduo, para que estas reações já estejam pré-estabelecidas.

A cultura deixou de ser uma decorrência espontânea da condição humana, na qual se expressam tradicionalmente, em termos estéticos, seus anseios e projeções mais recônditos, para se tornar mais um campo de exploração econômica, administrada de cima para baixo e voltada apenas para os objetivos de produzir lucros e de garantir adesão ao sistema capitalista de parte do público. (DUARTE, 2003: 9)

Existe uma interferência no subconsciente como, por exemplo, a erotização de muitos produtos da indústria que, transmite a sensação de prazer, só que nunca pleno, para que assim nunca termine o desejo pelos produtos. Passou-se a negar o sofrimento, torná-lo inaceitável como parte da vida. O sofrimento não tem lugar na sociedade, ele até passou a ser medicado, como nas pílulas milagrosas e o altíssimo uso de antidepressivos.

A indústria cultural continuamente priva seus consumidores do que lhes promete. O Assalto ao prazer que ação e repressão emitem é indefinidamente prorrogado: a promessa a que na realidade o espetáculo se reduz à promessa. Ao desejo suscitado por todos os nomes e imagens esplêndidos, servi-se, e suma, apenas o elogio da opaca rotina da qual se queria escapar. [...] Este é o segredo da sublimação estética: representar a satisfação na sua própria negação. A indústria cultural não sublima, mas reprime e sufoca. Expondo continuamente o objeto de desejo, nega a sua realização. (ADORNO, 1997: 34)

Os autores ainda questionam o entretenimento, o humor artificial que dá a idéia de felicidade eterna, não aquele que entretém e diverte, mas o absorvido, pela Indústria

Cultural que padronizado acaba com a espontaneidade, como vemos hoje nos risos de fundo nas séries de TV norte americanas.

A diversão favorecendo uma resignação humana que esvazia o pensamento humano, o estar de acordo com a realidade sem contestá-la. O livre entretenimento na relação entre a cultura erudita e a popular (uma centrada no contato com as obras de arte e a outra com o humor e a crítica social), que ocorria anteriormente a Indústria Cultural, era benéfico à sociedade. Agora, ambas as culturas foram esvaziadas pela padronização.

A criatividade dos meios que produzem na lógica capitalista da Indústria Cultural também é reconhecida pela Escola de Frankfurt, pois para manter todo esse convencimento ao consumo constante, é necessário cada vez mais que a atuação dos produtores busque uma espécie de sofisticação desse funcionamento, uma repetição das mesmas práticas sob uma nova roupagem, como se fosse algo novo.

Há também o discurso de que na sociedade capitalista, todos são iguais quanto às suas possibilidades, restando à massa apenas um pouco de sorte e talento para que os menos abastados ascendam socialmente. Esse mecanismo apenas funciona como uma defesa do sistema de capitalismo, colocando na sorte (o imponderável) a possibilidade de melhoria na vida das populações mundiais, com um número cada vez maior de miseráveis no mundo. Essa ideologia é cada vez mais camuflada, estando nas mercadorias, no consumismo.

Vive-se em uma sociedade em que indivíduos imitam o coletivo (um culto ao médio, ao medíocre) e dentro de um padrão de beleza, daí toda a questão das celebridades e da marginalização do diferente, marginalizando quem não se enquadra nesse padrão.

3. A Busca pela Violência

A sociedade contemporânea é uma coletividade muito violenta. Apesar de ser um pensamento já inserido no senso comum, em todo o mundo a violência vem se espalhando endemicamente por todo o corpo social, e cada vez mais a presença dela se demonstra enraizada por toda a coletividade.

Sob a lógica de dominação capitalista, toda a questão de desigualdade social é uma das principais causas de toda a insurgência desse fenômeno em todo o mundo, e não é diferente da realidade brasileira. Todo o controle social garantido às classes dominantes pela atuação dos ‘aparelhos ideológicos do Estado’ sob a ótica de vigilância, associada à cultura capitalista do consumo, e com isso a produção cultural também atuando sob essa organização, traz para a televisão, principal meio de comunicação brasileiro, e por isso, em especial o telejornalismo, o uso da violência como forma de atração da massa para a sua programação tem sido muito utilizado. O que anteriormente já foi trabalhado pelo rádio, com seus programas policiais, ou da imprensa escrita e os jornais sensacionalistas, como o *Notícias Populares*, hoje mais uma vez torna-se pauta do telejornal a violência, mais uma vez por que entre a década de 1980 e a de 1990 essa valorização da notícia de violência já estava também na televisão, como no *Aqui Agora* – que estreou em 1991, dentre tantos outros.

Está havendo um fetichismo das imagens espetaculares que se consomem em si próprias. Não havendo imagens espetaculares, não existe uma função para o telespectador. Cenas cheias de sangue, sem qualquer informação concreta e apurada, vem predominando em alguns telejornais espalhados pelo país, com um grande exemplo nacional, *O Brasil Urgente*, apresentado pela rede *Bandeirantes* pelo jornalista José Luiz Datena, um representante de um telejornalismo com esses moldes que podia ser encontrado na década de 1990, no seu telejornal chamado *Cidade Alerta*, veiculado pela *TV Record*.

O poder de sedução da imagem espetacular realiza-se nas propriedades do fetiche. O fetiche possibilita a naturalização de uma relação social: é o apagamento da história. Aí, sim, podemos pensar em um saber recalcado. O que é a fabricação concreta da alienação a que se refere Debord senão a produção industrial do inconsciente? É o inconsciente na sua dimensão objetiva: “o espetáculo é uma visão de mundo que se objetivou” (Bucci, Kehl, 2005: 59)

Tal atuação do telejornal vespertino está promovendo uma sensação de banalização de todo esse fenômeno, sem ao menos dar a possibilidade da população como um todo e, em especial, a parcela da população mais desabastecida, foco principal

desse telejornal, uma observação mais abrangente do que esta acontecendo. Não se discute causas de tais acontecimentos, nem tão pouco formas de coibir a violência, mas se utiliza um discurso altamente demagógico, com muitas frases de efeito e até um palavreado desqualificado, ainda mais para o horário em que é transmitido, um vocabulário chulo que influencia na educação infantil muitas vezes.

Diante de um fluxo frenético de imagens, apresentador, câmeras, helicópteros, motos com câmeras link, jornalistas apresentam um noticiário que não informa, apenas veicula a violência na televisão. O que para muitos deveria ser um momento de se informar ao final do dia, mesmo que sobre a violência, acaba sendo um momento de presenciar o terror, de vivenciar uma experiência fora da realidade do telespectador, que poderia ser até uma forma de prevenção, mas apenas se torna em um estante de exposição a esse fator social.

Outra questão levantada por Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl, é sobre a presença das câmeras de TV em momentos de violência extrema, que estão prestes a acontecer.

Depois do terrível episódio de seqüestro dentro do ônibus 174 no Rio de Janeiro, no dia 12 de junho de 2000, que terminou com a morte de uma refém e do criminoso, ouvi muita gente perguntando: “Teria sido a mesma coisa se a televisão não estivesse ali, transmitindo tudo ao vivo? A dúvida tem razão de ser. É verdade que o seqüestrador, o rapaz que estava tão enlouquecido (drogado ou não, pouco importa) dentro daquele ônibus, era um sobrevivente do massacre da Candelária; ele já vinha, portanto, de condições extremamente violentas. Mas será que a performance dele e a do soldado que acabou produzindo o desfecho da desgraça (matando a refém à queima-roupa quando queria atirar no seqüestrador) teriam sido as mesmas se a televisão não estivesse ali, transmitindo toda a tensão por horas a fio? (BUCCI, KEHL, 2005: 93)

A violência no telejornal vespertino tem sido apenas o reflexo da visibilidade ao espetáculo que está permeando toda a televisão, seguindo a mesma lógica de poder sobre a observação e o conhecimento que isso traz apresentada por Foucault, num produto da indústria cultural que busca mais audiência para justificar seus lucros com os anunciantes.

A onipresença do olho mágico da televisão no centro da vida doméstica dos brasileiros, com o poder (imaginário) de tudo mostrar e tudo ver que os espectadores lhe atribuem. (BUCCI, KEHL, 2005:142)

4. Presença do Popular

Apesar de toda a lógica frankfurtiana, o telejornal vespertino, mesmo sendo um produto comercializado por sua empresa jornalística, sendo um aparelho ideológico e também um operador do controle disseminado sobre toda a sociedade, uma vez que o telejornal e a própria televisão tem uma lógica panóptica de observação coletiva, funciona como uma forma de insurgência a toda essa realidade. Há nele, muito mais por consequência de sua natureza, do seu público alvo, do que por intenção de seus produtores, a presença da cultura popular, ou seja, um ambiente ligado às classes dominantes, feito por elas e que majoritariamente se refere a essa condição social, mas que no telejornal vespertino se vê dialogando com as classes sociais não favorecidas, dominadas no mundo capitalista e com sérios problemas sociais.

Um exemplo na televisão brasileira que mostra bem como esse veículo retrata as camadas mais ricas é o da teledramaturgia. Exportadas para muitos países, ou seja, produto cultural altamente comercializado, as novelas da rede Globo sempre se colocam como o retrato de muitas realidades. Discute-se em seus temas problemas de discriminação, de saúde, as relações familiares. Porém, quando se trata de mostrar questões sociais, tudo é camuflado. O pobre não é rico como os abastados da mesma novela, mas moram nos mesmos bairros nobres da cidade, com carro na garagem e freqüentando os mesmos ambientes. Quando há pessoas morando em uma favela, por exemplo, esta realidade também é amenizada, como que se viver ali, não tivesse problemas de saneamento básico, energia elétrica, enchentes, dentro tantos outros problemas.

Se contrapondo a isso na televisão, o telejornal vespertino não trabalha com a macroeconomia, com questões políticas de Brasília, ou com o entretenimento pelo esporte profissional, algo que o telejornalismo *Hard News* comenta diariamente, mas por outro lado abre espaço para a maioria da população excluída midiaticamente,

encontra um ambiente que, se ao menos não é discutida, é apresentada, se vê e se reconhece no telejornal.

A cultura popular, segundo Stuart Hall, autor dos estudos culturais ingleses, vem da luta de classe entre a burguesia, classe vitoriosa na Revolução Francesa e que no início do desenvolvimento do modo de produção capitalista e na Revolução Industrial, esta já no século XVIII, se colocava como classe dominante. A sociedade transitava do controle monárquico para o controle burguês, e essa nova classe dominante queria impor novas regras e práticas, como Foucault descreve com a característica do controle que observa a sociedade em querer testar novas formas desse próprio poder. A cultura popular advém da resistência a essa tentativa burguesa, que obtinha algum sucesso e, por isso, a cultura popular não é estática, mas está em constante transformação.

No decorrer da longa transição para o capitalismo agrário e, mais tarde, na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores, das classes trabalhadoras e dos pobres. Esse fato deve constituir o ponto de partida para qualquer estudo, tanto da base da cultura popular quanto de suas transformações. [...] a tradição popular constituía um dos principais locais de resistência às maneiras pelas quais a “reforma” do povo era buscada. [...] A “transformação cultural” é um eufemismo para o processo pelo qual algumas formas e práticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas. [...] “o povo” é frequentemente o objeto da “reforma”: geralmente, para o seu próprio bem, é lógico – “e na melhor das intenções”. [...] Contudo, as “transformações” situam-se no centro do estudo da cultura popular. [...] Elas parecem “persistir”; contudo, de um período a outro, acabam mantendo diferentes relações com as formas de vida que estes conferem às relações estabelecidas uns com os outros, com seu “Outros” e com suas próprias condições de vida. A cultura popular não é, num sentido “puro”, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas. [...] o duplo interesse da cultura popular, o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situa em seu interior. (HALL, 2003: 247, 248, 249)

Tal presença da cultura popular demonstra existir a lógica da mediação na comunicação já que, apesar de reconhecer a problemática da produção cultural em uma

lógica capitalista, também abre espaço para filtros nessa relação. A cultura popular é o que legitima e dá autenticidade às classes dominadas e essa coletividade, quando em contato a essa cultura, se reconhece e assim não aceita passivamente as formas e regras impostas pela classe dominante através dos outros produtos culturais. Na prática, o telejornal vespertino abre espaço então para a presença dessa cultura popular que se reconhece nele, ou seja, nega a realidade apresentada, por exemplo, na teledramaturgia, exemplo abordado anteriormente. Os programas femininos e às suas cozinhas super equipadas e modernas, a cultura de celebridades, são outros exemplos dessa imposição cultural que a cultura popular se opõe.

Já que as pessoas comuns não são uns tolos culturais, elas são perfeitamente capazes de reconhecer como as realidades da vida da classe trabalhadora são reorganizadas, reconstruídas e remodeladas pela maneira como são representadas [...] As indústrias culturais têm de fato o poder de retrabalhar e remodelar constantemente aquilo que representam; e, pela repetição e seleção, impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial. É isso que a concentração do poder da cultural – os meios nas mãos de poucos – realmente significa. Essas definições não têm o poder de encampar nossas mentes; elas não atuam sobre nós como se fôssemos uma tela em branco. Contudo, elas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominadas; elas, sim, encontram ou abrem um espaço de reconhecimento naqueles que a elas respondem. A dominação cultural tem efeitos concretos – mesmo que estes não sejam todo-poderosos ou todo-abrangentes. Afirmar que estas formas impostas não nos influenciam equivale a dizer que a cultura do povo pode existir como um enclave isolado, fora do circuito de distribuição do poder cultural e das relações de força cultural. (HALL, 2003: 255)

5. E o uso do espectro eletromagnético público pela TV

Com tudo já apresentado, ainda há outra séria questão não observada pelos meios de comunicação de massa que se utilizam do espaço público para transmitir sua programação. Rádio e Televisão se utilizam do espectro eletromagnético do país para veicularem seu sinal, porém, esse espaço é finito e público e, portanto, tais veículos não podem ser encarados da mesma forma que a imprensa em geral, que depende apenas de

seus próprios recursos para atuarem, ou ainda a internet, que utiliza a rede mundial de computadores. Com isso, o texto constitucional brasileiro procurou estabelecer parâmetros para o uso desse espaço, com algumas normas que todo o veículo de TV e radiodifusão devem observar em seu trabalho. A utilização deve acontecer sob forma de uma concessão, com prazos de renovação e outras diretrizes que não são observadas.

As concessões públicas, assunto tratado pela Constituição Brasileira de 1988 entre os artigos 220 e 224, são talvez a forma mais acabada do poder dos meios de comunicação de massa na contemporaneidade brasileira. Os atuais detentores de concessões da TV e radiodifusão se perpetuaram no espectro magnético brasileiro há décadas, sem ao menos cumprirem exigências mínimas também presentes no texto constitucional.

O artigo 220 traz que a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição. No Brasil isso se acentua com os problemas de distribuição dos veículos eletrônicos nas mãos de poucas famílias, característica presente desde o tempo dos governos republicanos, até mesmo no primeiro período do governo Vargas, anteriores ao militar, iniciado em 1962.

O texto desse primeiro artigo apresenta que, "A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição. Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística. (...) A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterà, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso. Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio. A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade". (Constituição Federal, 1988: Artigo 220).

Nesse artigo encontramos já as primeiras falhas da transmissão televisiva às quais a população está sujeita. Uma emissora como a TV Globo, que detém cerca de 60% de toda a verba oficial de publicidade (e que em alguns momentos esse número chega a ser superior a esse), que é a única a ter direitos de transmissão de uma prática

cultural brasileira das mais populares, o futebol, e que ainda claramente é favorecida em ações da polícia federal com informações exclusivas, para apenas ficar nesse exemplo, deixa uma situação que se não caracteriza, pelo menos chega próxima de um monopólio.

Já o artigo 221, relata que "A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família". (Constituição Federal, 1988: Artigo 221).

Canais como *ShopTur* e *BestShop TV* têm em sua grade de programação, o uso integral a comercialização de produtos. A programação do *Homem do Baú* não agrega em nada na promoção cultural e educacional da população, ou será que a farsa que o apresentador Augusto Liberato realizou há alguns anos foi uma demonstração apenas de criatividade? Os exemplos são diversos, espalhados por todos os concessionários que chegam à casa de mais de 90% da população nacional, e que na maioria, tem na televisão sua única forma de entretenimento e educação.

O artigo 222 apresenta que "a propriedade de empresa jornalística e de radiodifusão sonora e, de sons e imagens, é privada a brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, ou de pessoas jurídicas constituídas sob leis brasileiras e que tenham sede no país. Em qualquer caso, pelo menos 70% do capital total e do capital das atividades e estabelecerão o conteúdo da programação. A responsabilidade editorial e as atividades de seleção e direção da programação veiculada são privativas de votante das empresas jornalística e de radiodifusão deverá pertencer, direta ou indiretamente, a brasileiros natos ou naturalizados, que exercerão obrigatoriamente a gestão das atividades e estabelecerão o conteúdo da programação. A responsabilidade editorial e as atividades de seleção e direção da programação veiculada são privativas de brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, em qualquer meio de comunicação social, em qualquer meio de comunicação social. Os meios de comunicação social eletrônica, independentemente da tecnologia utilizada para a prestação do serviço, deverão observar os princípios enunciados no art. 221, na forma de lei específica, que também garantirá a prioridade de profissionais brasileiros na execução de produções nacionais.

Lei disciplinará a participação de capital estrangeiro nas empresas. As alterações de controle societário das empresas serão comunicadas ao Congresso Nacional". (Constituição Federal, 1988: Artigo 222).

Apesar de ser um ponto já discutido em algumas oportunidades no Congresso Nacional, toda a não observação do texto constitucional advém principalmente do vácuo legal que ocorre devido aos dois últimos artigos do texto constitucional brasileiro.

O artigo 223 afirma que "Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal. O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo, a contar do recebimento da mensagem. A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal. O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores. O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial. O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão". (Constituição Federal, 1988: Artigo 223).

Por fim, o artigo 224 traz que o "Congresso Nacional instituirá como órgão auxiliar, o Conselho de Comunicação Social, na forma da lei". (Constituição Federal, 1988: Artigo 224).

Com a obrigação de uma votação expressiva e nominal no Congresso em relação à questão da concessão de uso do espectro eletromagnético [algo público e limitado, e que por esse motivo se faz necessária a limitação de sua utilização], o poder de *lobby* dos concessionários perpetuados acaba que inutilizando a possibilidade de perda dessa concessão, sem citar ainda que até a pouco tempo atrás, cerca de seis meses, a esmagadora maioria das concessões estavam vencidas, e nem ao menos se dava uma discussão sobre isso.

Outro fator presente nesse caso é que, no Brasil, para se ter uma concessão hoje é muito difícil, são diversos os casos de problemas com as rádios piratas e comunitárias – exemplo claro aqui em São Paulo é o da rádio Heliópolis – que são preteridas a outras, normalmente ligadas a alguém de influência política, ou em outras palavras, um parlamentar.

Esse capítulo discutiu, a partir da discussão apresentada por Foucault e Althusser, como há na sociedade capitalista um controle social baseado na observação do comportamento humano que também é baseado na influência ideológica das diversas instituições que atuam dentro da organização coletiva. Existe, portanto, uma vigilância social que procura manter os padrões e normas sociais estáveis que, se ultrapassadas, geram uma punição, um controle que também é promovido pela ação ideológica dos aparelhos ideológicos do Estado, sendo um deles a mídia. Ainda se apresentou também o debate sobre a mídia na sociedade capitalista, produtora de produtos culturais inseridos nos moldes capitalistas de buscar o lucro, ou seja, a Indústria Cultural, bem como a busca desenfreada pela audiência, utilizando da violência e de cenas proporcionadas por esse fenômeno para fixar as pessoas em espetáculos televisivos. Em contra ponto a essa realidade, de controle, influência e produtos culturais à venda, a presença da cultura popular em um ambiente com essa característica se coloca como um rompimento com tudo isso, já que a cultura popular desde sua formação tem pontos de luta das classes dominadas ante a dominação da elite. Por fim, ainda se abordou a problemática legal da TV difusão através do espectro eletromagnético por meio das concessões públicas.

Com toda essa análise, o objeto de estudo – Telejornal Vespertino *Brasil Urgente* – será analisado a seguir combinando uma ação de descrição e apresentação desse produto midiático, com uma aproximação na prática de todos esses pontos teóricos analíticos apontados anteriormente.

Capítulo III

Brasil Urgente

Aqui não vai ter trégua!

José Luiz Datena⁴

1. O Telejornal Vespertino

O Telejornalismo Vespertino é um gênero do telejornal que se ocupa, quase que em sua exclusividade, da violência encontrada na sociedade contemporânea. Advindo dos programas policiais do rádio da década de 1970, como o de Luiz Carlos Alborghetti, *o Cadeia*, de 1976 no rádio de Londrina e que chegou à tv local em 1979, ou o de Afanásio Jazadji em São Paulo no início dos anos 1980. Porém, o precursor desse modelo iniciou sua trajetória ainda durante o período de ditadura militar. Em 1966, Jacinto Figueira Júnior, o *Homem do Sapato Branco*, desenvolvia o que se denominou popularmente como “mundo cão” na televisão. Com problemas com a censura, Jacinto voltaria mais tarde com essa temática, chegando até a participar do famoso exemplo de telejornal vespertino de 1991, o *Aqui Agora*.

Passado esse período e o dos seus sucessores, *Cidade Alerta*, *Linha Direta e Ratinho* (esse sendo um telejornal inserido em um *Talk Show*), hoje o telejornal vespertino tem apenas um exemplo veiculado em rede nacional, o *Brasil Urgente*. Porém, são inúmeros os telejornais locais com essa temática. O declínio desse modelo nacionalmente se deu muito pelo uso desenfreado de cenas fortes e desapropriadas para o horário que esses telejornais são exibidos. Diversas brigas judiciais não trouxeram qualquer diferenciação nos índices de audiência, mas sim nos próprios anunciantes. Com medo de associar a imagem das empresas em programas com esse tipo de exibição, houve uma fuga publicitária dos telejornais vespertinos, que foram se extinguindo nacionalmente. Na contra mão desse fator, programas locais com o mesmo estilo se multiplicaram por todo o país, suprimindo o espaço deixado pelos telejornais

⁴ *Brasil Urgente* (11/02/2010)

vespertinos nacionais. Um recente exemplo extremo desse modelo de telejornal que continua cometendo grandes exageros aconteceu no estado do Amazonas, em 2009. Um deputado estadual, apresentador de um telejornal vespertino, chegava muito rápido com sua equipe a cenas de crime. Uma investigação levou a polícia a ter fortes indícios que o próprio deputado e apresentador comandava uma rede criminosa.

Um escândalo! O deputado estadual mais votado do Amazonas é acusado de envolvimento com traficantes. O político também apresentava um programa de televisão, que exibia cenas de gente assassinada. Agora, o detalhe macabro: a polícia acredita que essas mortes eram encomendadas. Pelo próprio deputado apresentador. "Está aqui o corpo, inclusive está saindo fumaça ainda", diz um vídeo. Imagens chocantes no programa policial que o deputado estadual Wallace Souza apresentava em uma TV do Amazonas. Wallace é um ex-policiaI expulso da Polícia Civil.

"Foi flagrado em uma situação de desvio de combustível, foi excluído do serviço público", conta o secretário de Segurança Pública do Amazonas, Francisco Sá Cavalcante. Deputado mais votado na última eleição no Amazonas, Wallace é investigado por formação de quadrilha, associação ao tráfico de drogas e posse ilegal de armas. Quinze pessoas ligadas a ele já foram presas, entre elas, um coronel da Inteligência da Polícia Militar, vários policiais e o próprio filho do deputado. (Reportagem do *Fantástico* em 02/08/2009)

Apesar de um caso de exceção, tal exemplo mostra que o telejornal vespertino local, muitas vezes exibido na hora do almoço, vem, e muito, cometendo abusos no sensacionalismo, principalmente quanto à busca frenética por audiência através de cenas com de extrema violência, transportada para o telespectador com as imagens veiculadas.

Se não é a barbárie, estamos perto. Em plena hora do almoço, a TV Itapoan de Salvador, afiliada da Record, transmite o programa "Se liga Bocão", apelido de José Eduardo, o apresentador. Numa quarta, dia 21 de janeiro, havia na tela uma criança em movimentos sexuais com um adulto. Na semana seguinte um homem vítima de ato violento, com fortes dores, agonizava deitado numa maca. Os relatos são do repórter Jair Fernandes de Melo, publicados no jornal *A Tarde*, da Bahia. Há mais. Closes de pessoas mortas, no chão, são repetidos à exaustão, a pedido do apresentador. Jovem detido pela polícia com pequena quantidade de maconha é colocado contra a parede pela polícia e pelo repórter do programa que repete oito vezes a mesma pergunta: "Onde você comprou a droga". E ouve oito vezes a mesma resposta: "é para o

meu consumo".

Cenas assim não são exclusividade do "Bocão". Em Salvador, há um concorrente forte na exploração da desgraça alheia: é o Na Mira, da TV Aratu, retransmissora do SBT. Um modelo de programa que se espalha por várias cidades brasileiras como Recife, Natal e Fortaleza. Lá estão no ar, diariamente, os justiceiros eletrônicos. Eles acusam, julgam e condenam quem quer que seja, ao vivo, sem nenhum escrúpulo, passando por cima das leis e da ética.

As grandes rede nacionais já fizeram isso. Basta lembrar o Aqui Agora, do SBT; o Brasil Urgente da Bandeirantes; o Cidade Alerta, da Record; o programa do Ratinho também na Record e no SBT e mesmo o Linha Direta, da Globo. (LALO, CARTA MAIOR: 2009)

Sem qualquer observação de horários, cenas são exibidas diariamente e que em nada tem a ver com informação, mas sim apenas a busca da sensação. Os exemplos são os mais diversos, não só nos estados citados pelo professor Lalo em seu artigo transcrito acima.

Já em cadeia nacional, o telejornal vespertino, passou a ter uma postura mais amena nos últimos anos, e por essa nova posição retornou a grade de televisão com um único representante, o *Brasil Urgente*. Isso se deve muito a atuação de entidades da sociedade civil, e do Ministério Público, que procuraram trabalhar na coibição de alguns exageros. Apesar da não confecção do Conselho de Comunicação Social, colocado como obrigação no artigo 224 da Constituição federal e que funcionaria como um órgão regulador (e não de censura, como foi descrito pela mídia quando proposto), e por esse motivo existir uma carência de legislação para a atuação dos meios de comunicação eletrônicos, os atores sociais atuantes nessa luta se aterram a outros parâmetros legais para coibir certas atitudes dos veículos. Artigos do *Código de Defesa do Consumidor* e do *Estatuto de Defesa da Criança e do Adolescente* são utilizados para impedir muitos dos problemas que, no antigo *Cidade Alerta* do apresentador José Luiz Datena e no *Programa do Ratinho*, de Carlos Massa, dois exemplos de veiculados nacionais, foram muito presentes. Ratinho chegou a veicular em suas matérias jornalísticas crianças com problemas físicos, deformidades ósseas, ridicularizando-as diante de seu auditório. Um caso muito debatido já há alguns anos foi a discussão entre dois cunhados, em Ceilândia, cidade satélite de Brasília. A reportagem do programa exibiu tal briga com um dos envolvidos sendo ferido na cabeça com um golpe de facão. O ferimento vertical vinha desde o topo do coro cabeludo a até abaixo da orelha

Uma conquista desse trabalho foi a obrigação de se aplicar a classificação

etária em toda a programação, algo que levou a TV Globo querer imitar o presidente ditatorial venezuelano, Hugo Chávez, em querer modificar o fuso horário na região norte, algo que a impede de veicular um de seus principais produtos, a novela das oito, em um horário mais cedo, já que em Rio Branco, por exemplo, é mais cedo duas horas do horário de Brasília.

2. O *Brasil Urgente*

No ar desde 2001 e originalmente apresentado pelo jornalista Roberto Cabrini, o telejornal *Brasil Urgente* vai ao ar em cadeia nacional pela Rede Bandeirantes a partir das 17 horas e 30 minutos, indo até as 18 horas e 50 minutos, momento em que sua transmissão passa a ser apenas local, para a região metropolitana de São Paulo, terminando às 19 horas e 20 minutos. É exibido de segunda a sábado, mas aos sábados com início às 18 horas e apresentado do jornalista Márcio Campos, que tenta manter o padrão do apresentador titular, porém sem a mesma desenvoltura. Nesse dia, todo o telejornal tem um caráter de reprise, com grande parte de sua apresentação baseada em um apanhado de toda a semana.

A apresentação diária do telejornal é do jornalista José Luiz Datena, desde março de 2003, algo que alavancou a audiência do programa, pois Datena ganhou um prestígio e uma visibilidade de celebridade, o que ocasionou na vinda de seus telespectadores que o acompanhavam na Rede Record no telejornal de mesmo estilo, o vespertino *Cidade Alerta*. A organização do programa se dá em quadros denunciativos e de defesa do cidadão, esta dentro do discurso quase sempre exaltado do apresentador.

O *Brasil Urgente* retrata em suas matérias a violência sofrida pelas camadas sociais mais desfavorecidas, com condições sociais de risco, o que causa sempre uma discussão sobre a atuação do programa, que mostra tais problemas o que, na lógica crítica, representa uma exploração desse fator. Em contrapartida, a população carente tem a oportunidade de se reconhecer em um ambiente produzido pela classe dominante e que sempre se representa na tela. O curioso é que a audiência do telejornal vespertino é bem diversificada quanto à classificação de classe social.

Os personagens de *Brasil Urgente* representam apenas uma das camadas sociais das cidades, a das classes menos favorecidas economicamente. Tal fato se relaciona com a falta de proteção diante do aumento dos problemas sociais (que atinge essas classes mais gravemente) e ainda com o maior número de cidadãos brasileiros pertencentes às classes mais pobres. A disposição dessas pessoas em encenar histórias íntimas e delicadas em programas como *Brasil Urgente* representa uma chance de ajuda através da visibilidade e comoção pública. A essa questão somam-se os debates éticos suscitados pela exibição dos quadros, tanto em relação ao conteúdo na TV quanto à exploração dessas histórias. O perfil da audiência, publicado no site da Band, mostra que o público do Brasil Urgente é bem distribuído entre as diferentes camadas sociais. A variação por sexo também é pequena – 43% e 57% - com maioria feminina. Já a faixa etária predominante da audiência se concentra no público a partir dos 25 anos (88%).

O âncora de Brasil Urgente, Jose Luiz Datena, não se enquadra nos padrões esperados para um apresentador de telejornal. Quando chegou à Band, em março de 2003, *Brasil Urgente* teve seu índice de audiência elevado, passando de 3 para 8 pontos, considerado um número alto para o horário e emissora. Na transferência, com status de celebridade, Datena parece ter levado também seus fiéis telespectadores da Record, onde apresentava o *Cidade Alerta*. (LANA, 2006: 91).

“Mas tá um calor aqui em São Paulo ‘velho’, de rachar mamona. Parece que vem água brava aí. Eu estive em Florianópolis neste final de semana e estava 41°, não sei como o pessoal do sul está agüentando. É chuva e água para todo o lado. ‘Rapaz do céu, o mundo parece que está acabando. A senhora de vez em quando não chama o seu velhinho e não diz, o mundo está acabando, vamos aproveitar aí’. Olha, inimigo em casa, músico é preso em casa acusado de abusar de duas meninas de 10 e 13 anos. Ele tocava na mesma banda do pai das meninas. O bandido chegou a morar com eles. Um absurdo esses caras abusando de criança. Exclusivo, depois de reportagem do Brasil Urgente família descobre que parente desaparecida pode ter sido vítima da mulher que mata para receber o seguro de vida, aquela que é acusada de participar de uma quadrilha que vende seguros, que compra seguro em nome de determinada pessoa e mata essas pessoas, parece que mais uma vítima apareceu aí, entendeu, e daqui a pouco você vai ver mais um caso de erro médico, mais um caso terrível de erro médico. Eu volto já depois do intervalo comercial, por favor fique aí”. (Brasil Urgente de 09/02/2009).

Está é a reprodução da abertura do Brasil Urgente de 09/02/2010, onde o

apresentador José Luiz Datena faz a escalada das notícias do dia. Antes de entrar no ar, Márcia Goldshmidt, que é apresentadora de um programa de auditório popular entrega a transmissão para o jornalista, ele já entra no ar agradecendo Márcia e começa a apresentação com a escalada, tudo isso em um plano semi-aberto de câmera, ou seja, mostrando apenas de sua cintura para acima, com um pequeno espaço acima de sua cabeça. As duas notícias chamadas por ele são cobertas por imagens dos documentos de Identificação (RG) das duas vítimas. Datena nesse instante se coloca de forma calma e contida, apesar de movimentar um pouco os braços enquanto fala, movimentação esta também sem grande entusiasmo.

“Estamos finalmente começando o Brasil Urgente para Você. Deixa eu ver as imagens que o comandante Hamilton está me dando, parece que uma escavadeira, ou retro escavadeira, eu não entendo bem, mas parece que uma escavadeira foi parar dentro do rio aí. Quero saber aonde está meu amigo comandante Hamilton, a escavadeira afundo comandante Hamilton. Quero saber se vai chover. Comandante Hamilton”. Assim já inicia novamente o telejornal, mostrando a partir de um helicóptero o trânsito de São Paulo, um acidente com uma balsa de limpeza no rio Tietê, na altura do sambódromo. Tanto o piloto do Helicóptero, quanto o apresentador falam ao mesmo tempo, num ritmo que demonstra estarem apenas mostrando, mas sem ter maiores informações. “Esta é a prova de que não estão limpando o rio, como eu estava dizendo outro dia”, afirma o apresentador. Com essa indagação, o público telespectador também pode realizar outra interpretação: As máquinas de limpeza não são um indício de que está havendo um trabalho nesse sentido no local, contrário à conclusão de Datena? Ainda com imagens do alto, a discussão passa para a previsão do tempo, que ambos a realizam apenas olhando para as imagens do céu, escuro e tomado pelas nuvens. Toda a previsão é catastrófica com frases de efeito carregadas de gírias, como “vai cair o mundo velho”, “vai chover em São Paulo, tomara que não, tomara que não” ou “água na cabeça do povo”. Calmamente Datena retorna do estúdio, no mesmo enquadramento americano (citado acima) e refaz a escalada do programa, algo muito comum em sua apresentação e repetida sempre nos telejornais por várias vezes. Outra característica sempre presente já acontece logo na seqüência, suas brigas com a produção. “Já está no ponto a matéria essa deixa para depois, mais tarde”.

O apresentador se utiliza de diversos jargões para dialogar com o público, algo que o aproxima da cultura popular muitas vezes, e que é muito em seu discurso como

forma de se colocar em pé de igualdade com o público do *Brasil Urgente*. Tal prática é observada sempre por Datena para que com isso consiga manter sua postura à frente do telejornal como mais um integrante dos problemas sociais vividos pela população carente e em muitos casos em índices de risco social, como problemas de saúde e de condições de moradia. Nessas condições, a ocorrência de violência aumenta e o apresentador, com sua linguagem, se aproxima dessa classe social.

2.1 O Cenário e a Apresentação

Com o desenrolar do telejornal e a veiculação das matérias, o apresentador sempre retorna para comentar os casos, ou chamar a entrava ao vivo novamente do helicóptero, ou ainda de outro repórter que está em algum órgão público, ou ainda na casa de alguma vítima.

Tal chamada sempre se dá pelo apresentador com o dedo apontando para um grande monitor de TV localizado ao fundo do estúdio. Esse cenário é basicamente com duas dessas telas mostrando o logotipo do telejornal. Essa logomarca é bem simples, mas traduz bem a forma com que é dirigido todo o telejornal. Está contida nela o nome *Brasil Urgente*, em caixa alta, ou seja, todos os caracteres estão em letras maiúsculas, na cor branca e com uma sombra que varia do preto para o vermelho. Acima às letras estão pequenas faixas roxas e sobrepostas a tudo outras faixas azuis, o que gera uma idéia de velocidade. Todo o telejornal é rápido e frenético, com entradas de mais de um assunto, ou ambiente ao mesmo tempo. A tela é dividida em duas, com duas matérias sendo mostradas, ou uma delas contendo Datena do estúdio, que comenta ao mesmo tempo em que a matéria é transmitida, ou ainda imagens do helicóptero. Ainda há outro fator que aumenta a possibilidade de vários temas ao mesmo tempo, as discussões da internet levantadas pelo apresentador no ar e que vem respostas via *Twitter* e *SMS*. O apresentador pede comentários e levanta enquetes. Uma recorrente é sobre a questão da pena de morte.

Diante de histórias mal-acabadas, matérias com poucas informações e depoimentos imprecisos é Datena quem ocupa o espaço da tela,

buscando preencher com discursos eloqüentes o vazio irremediável de alguns casos trazidos por *Brasil Urgente*. Em muitos momentos, a fala de Datena descola-se de histórias e personagens apresentados pelo programa, que dá voltas sobre si mesmo.

A habilidade com que o apresentador entrecruza quadros, ordenando freneticamente repórteres, entrevistados, produção, imagens do helicóptero e *motolinks*, compõe a narrativa do programa; as histórias apresentadas por *Brasil Urgente* não recebem mais destaque do que o show de Datena. [...] O vozeirão e as constantes discussões ao vivo com os produtores do programa são marcas inconfundíveis de Datena. [...] A linguagem coloquial, o improviso, próprios do tratamento ao vivo, e o arranjo fragmentado são características essenciais de *Brasil Urgente*. (LANA, 2006: 88).

Mesmo com o ritmo frenético imposto pelo comando do apresentador e toda a fragmentação do telejornal, já que é Datena que interrompe matérias, as apresenta mais de uma vez e coloca sua performance em pé de igualdade com as informações trazidas pelas reportagens, ainda que escassas, mesmo com tudo isso o telejornal traz uma gama variada de temas dentro do seu grande enfoque, ou seja, a violência. Há matérias sobre acidentes, assaltos e estelionatos, denúncias, assassinatos e pedofilia, este com grande destaque no último ano, já que o apresentador diz estar na luta contra o crime dessa natureza e de agressão a mulher. “Estão aleijando nossas crianças e nossas mulheres. Aqui não, velho, vocês não vão ter trégua comigo, se preciso, falo com o Lula”, afirma diversas vezes o apresentador comentando matérias referentes a esses dois temas e sobre a investigação realizada no Senado Nacional sobre os crimes de pedofilia.

O discurso fragmentado pelas interrupções do apresentador também esbarra em uma questão ética do jornalismo. Em todas as edições analisadas, houve por diversas vezes matérias paralisadas pelo apresentador para comentar sobre o que se estava apresentando. Houve matérias em que esses intervalos aconteceram mais de uma vez, sendo a matéria exibida novamente desde o princípio. Outra comum motivação para esses espaços é a chuva em São Paulo, mostrada do helicóptero. Os casos que estavam sendo exibidos ganham um caráter de pouca importância diante da chuva, do trânsito, ou até mesmo das opiniões de Datena. Existe uma banalização dos fatos e casos trazidos nas reportagens, pois são corriqueiros no programa e, seja por qual for o motivo, são deixados em segundo plano.

Algumas complicações éticas podem ser apontadas pelo uso da linguagem fragmentada – a interrupção das falas de entrevistados e repórteres e o abandono impiedoso de alguns casos podem banalizar a dor das histórias vividas pelos personagens do programa. Tais operações discursivas indicam que Datena é a autoridade em *Brasil Urgente*. (LANA, 2006: 91).

2.2 Enquadramento e Posicionamento

O enquadramento de todo o *Brasil Urgente* segue a forma com que o apresentador conduz todo o programa, ou seja, varia conforme o momento. O que inicialmente se dá através de um plano americano, corte na cintura, passa para um plano aberto, mostrando o apresentador de corpo inteiro. Nesse instante, Datena passa a ampliar sua comunicação gestual, com grande uso de seus braços dialogando com o seu discurso verbal. O jornalista, quase sempre, está segurando uma caneta em que ele aponta para a tela dos monitores localizados ao fundo do estúdio para chamar uma matéria, ou uma entrada ao vivo dos repórteres ou do helicóptero, o que faz também chamando o telespectador para acompanhá-lo. Nesse momento também, assim com o gestual, o discurso verbal ganha eloquência e o apresentador deixa claro sua postura e a do programa, a defesa da população diante da violência. O telejornal na verdade é um modo pelo qual a população carente, ou vítima da violência, encontra formas de conseguir ajuda, justiça e resolver suas necessidades sociais. Casos de enchentes são veiculados com esse enquadramento e com essa forma de apresentar de Datena, forma esta que volta à anterior caso exista uma solução para o problema, ou alguma autoridade pública sendo entrevistada e que traga uma ação para o problema. Vale salientar que, a postura do jornalista é bem diferente quando no programa entra ao vivo alguma autoridade. Seu tom de voz diminui, a gesticulação cessa e o ritmo frenético é deixado de lado, tudo para manter um bom relacionamento com o entrevistado em questão.

Outro fator importante é a clara colocação do discurso do apresentador como inquisidor dos criminosos, pois em seus comentários evidencia-se a característica do programa de se colocar como uma reserva moral da sociedade e, com isso, ser um tribunal dos que por algum delito estão à margem das leis. O *Brasil Urgente* julga no ar através dos discursos de Datena: “Cadeia neles”, grita o apresentador. Tido como

democrático, que abre espaço para a defesa e mostra os dois lados, base da imparcialidade jornalística, o telejornal não trabalha com todas as partes de um caso, mesmo que todas tenham espaço. Essa prática fica visível através das perguntas colocadas pelos repórteres nas matérias para suspeitos ou criminosos pegos em flagrante. Datena sempre se mostra tendencioso, mesmo que após seu discurso, lembre que as investigações policiais ainda estão em curso.

O jogo de câmera também existe para que o apresentador justifique sua opinião e sua postura de julgador. Datena brinca com a movimentação das câmeras para parecer estar próximo do seu público, algo que não acontece diariamente, mas também é utilizado pelo apresentador. Ao ser veiculado uma reportagem, Datena tenta passar que está vivenciando tais realidades quando pergunta algo que, pela formulação da pergunta e como é indagada, o apresentador já induz uma resposta afirmativa, confirmada afirmativamente pela câmera que, por sua vez, balança verticalmente, dando a impressão de que está respondendo. Nesses momentos, Datena utiliza muito as mensagens eletrônicas enviadas pelos telespectadores, através de mensagens do celular e do *Twitter* do programa e do seu pessoal.

A análise do *Brasil Urgente* e da atuação de seu apresentador até aqui apresentada se concentrou na descrição desse telejornal vespertino, com suas características de veiculação das informações sobre a violência e os problemas sociais mostradas em suas matérias. Na seqüência, esta análise passa por um trabalho de observação cronológica do telejornal vespertino apresentado acima por uma abordagem que unirá o estudo observatório de cinco dias analisados, com questões teóricas do funcionamento da sociedade e da mídia.

Capítulo IV

5 dias de Brasil Urgente

*Essa é a grande realidade,
estão matando as nossas mulheres*

José Luiz Datena⁵

No *Brasil Urgente* encontram-se matérias de vários tipos de violência, bem como os problemas urbanos comuns à vida do paulistano. Mesmo sendo nacional, a pauta do telejornal é sempre deixada de lado quando o helicóptero que sobrevoa a cidade de São Paulo tem algo a mostrar, mesmo que essas imagens sejam óbvias, corriqueiras ou mesmo banais. Quando o comandante Hamilton, chefe da equipe da aeronave tem algo inusitado, o apresentador José Luiz Datena inicia seu discurso mais exaltado, com gritos e muita empolgação. “Mostra aí comandante Hamilton”, diz o apresentador nessas entradas ao vivo do céu de capital paulista. Tais inserções são por vezes longas, e voltam na seqüência do telejornal, interrompendo outras matérias para mostrar as mesmas cenas, sempre com o exercício de adivinhação de Datena e de Hamilton, já que ambos não têm grandes informações a acrescentar.

Essa característica do *Brasil Urgente* é a primeira a ser observada, pois o telejornal abre com os cumprimentos do apresentador que logo chama as imagens do helicóptero. Isso demonstra essa peculiaridade do programa, voltado à busca de audiência pelo show, tanto de imagens, quanto pelo discurso de Datena comentando as matérias, as interrompendo também, discutindo com sua produção, utilizando frases prontas (até letras de música em meio a suas frases) e muitos jargões, já que o mais importante é a opinião da autoridade máxima do telejornal, ou seja, Datena.

As mulheres desse país estão sendo mortas, na rua, na chuva, na fazenda ou em uma casinha de sapê. (Datena no *Brasil Urgente* de 08/02/2010).

A discussão segue agora para um aprofundamento teórico do *Brasil Urgente*, observando pontos do trabalho da equipe do telejornal, de seus repórteres e, principalmente, do apresentador, que demonstram na prática os conceitos sociais e

⁵ *Brasil Urgente* (10/02/2010)

mediáticos trazidos pelos autores relacionados até então. Todo o telejornalismo vespertino foi apresentado como forma de enquadramento de um gênero específico de veicular informações sobre violência dentro de um mesmo modo, ou modelo, de telejornal. Essa discussão, bem como os aspectos já tratados pelo telejornal vespertino presente hoje na grade de televisão aberta do país, o *Brasil Urgente*, serve para a compreensão de como funciona esse veículo, como ele está organizado e pautado. Para se chegar a uma conclusão definitiva sobre sua atuação, toda essa discussão carece ainda de um afunilamento, uma correlação entre a teoria e a prática encontrada no telejornal.

1. Segunda-Feira (08/02/2010)

O *Brasil Urgente* abre a semana com duas diferentes matérias da região metropolitana de São Paulo. O primeiro com a manchete: “Exclusivo! Vizinhos flagram pedófilo abusando de crianças dentro de um condomínio”. O Segundo, “Trama Macabra! Mulher Matava Para ficar com o Seguro de Vida das Vítimas”. Logo a seguir Datena inicia seu discurso, já interrompendo a segunda matéria pela primeira vez. As interrupções se sucederam até que chegasse ao fim a reportagem do caso do seguro. Entre o início desta reportagem e seu término, passando pelas quatro interrupções realizadas pelo apresentador, se passaram os primeiros 50 minutos do telejornal. “Essa é a grande realizada: os bandidos estão matando as nossas mulheres. [...] Onde é que esse mundo vai parar? [...] Pode chamar o Magno Malta que ele explica a pedofilia. [...] É o fim do mundo!”, comenta o apresentador intercalando uma fala mais tranqüila com outra extremamente exaltada.

Datena refere-se inicialmente ao senador que lidera uma investigação parlamentar dos casos de pedofilia pelo país. Quando se iniciou esta investigação, ainda no ano passado, diversas diligências desse trabalho eram acompanhadas pelo *Brasil Urgente*. Mesmo que em muitos casos não se resultava em prisões, o senador era chamado ao programa e o apresentador, ao seu lado, mantinha a mesma postura encontrada atualmente. Após esse trabalho, a investigação no congresso passou a estar apenas em Brasília, mas Datena manteve essa forma de tratamento pessoal com o

senador, mesmo que sem um contato anterior da produção, ele afirma ser atendido a qualquer momento pelo senador. Além da característica de espetáculo televisivo, encontrado em todo o programa e reforçada pelas interrupções realizada pelo apresentador para abrir espaço para o seu discurso e para imagens de impacto, sejam elas ao vivo do helicóptero ou de gravações de momentos de crimes, nesse primeiro dia de análise já se evidencia outra peculiaridade do *Brasil Urgente*, a de ser um aparelho ideológico do Estado quanto a sua colocação nas frases de efeito do apresentador. Tais dizeres trazem em suas entrelinhas um pensamento ideológico de rigidez com os mecanismos de repressão com a sociedade, um pensamento muito difundido na sociedade em momentos que a violência está ganhando espaço. Esse discurso implicitamente cobra maior atuação dos aparelhos repressivos do Estado, ou seja, uma ação governamental com a força policial de aumentar a repressão.

Outro fator a ser analisado é a de controle da sociedade realizada pelo telejornal. Inquisidor, tribunal, carrasco, são algumas das formas com que o telejornal se coloca diante da sociedade. Os dois próximos casos veiculados acontecem em Belo Horizonte, onde o marido assassinou sua esposa por desconfiar que ela o estava traindo e a presença de um serial killer na cidade que violentava sexualmente mulheres e as matava. Com as chamadas “Surpresa Fatal!” e “Caçada!”, toda a seqüência do telejornal se dá através da demonstração de vigilância e punição aos criminosos. Datena por meio de sua eloqüente fala, afirma abertamente que está de olho, caçando os bandidos e, quando encontrá-los, serão severamente castigados. “A polícia está perto de pegá-lo, por que as mulheres estão apavoradas? [...] Eu não vou descansar enquanto esses monstros não estiverem atrás das grades. E tem mais, bandido não gosta de estuprador, vão vira mocinhas na cadeia”, resume Datena em outro momento da mesma edição do telejornal, quando o apresentador retomou mais uma vez os mesmos dois casos da capital mineira. As imagens espetaculares ainda continuam sendo expostas nesse momento em que outro caso é lembrado de Belo Horizonte, quando uma cabeleireira é morta por ciúmes do marido, mas já que havia uma câmera de segurança no salão que registrou tudo, o caso é inúmeras vezes mostrado.

“Vingança? Policial que prendeu maníaco é morto na saída de casa noturna” é mostrado pelo telejornal e o apresentador, sem ter nenhuma informação já liga a morte do policial ao fato dele ser o responsável pela prisão de outro estuprador, este já na região leste de São Paulo e Guarulhos. Durante a entrevista dos investigadores policiais

houve o relato sobre o convívio da vítima com seus colegas de trabalho e familiares, mas em nenhum momento se uniu o ocorrido com as afirmações do apresentador.

Nesse instante o telejornal retoma as reportagens sobre pedofilia. “Exclusivo! Vizinhos flagram pedófilo abusando de crianças dentro de um condomínio”. Por terem sido feitas imagens do pedófilo com as crianças, há novamente a apresentação do material. Tal exibição pode ser encarada como uma exposição excessiva das crianças, mesmo que com um recurso técnico que esconde os rostos delas, a divulgação mostra todo o ambiente, fala com os pais e que veiculada várias vezes leva a identificação das vítimas. Isso é um claro desrespeito ao *Código de Defesa da Criança e do Adolescente*, bem como aos quatro pilares básicos que a *Constituição* traz para a comunicação social que a TV está inserida, ou seja, informar, entreter, ensinar e promover a cultura nacional e local.

“Flagrante, motorista bêbado capota carro e mata rapaz de 22 anos” e “Por R\$ 800! Bandidos arrombam casa e matam mulheres de 79 anos” são as duas reportagens exibidas a seguir no *Brasil Urgente*, junto com o pedido de Datena pela participação do público enviando mensagens pelo *Twitter* do programa. Essa participação, apesar de acontecer por intermédio de uma plataforma midiática diferente à televisão, via internet, já é uma pequena participação da população no programa. Ainda que o número de brasileiros com contato à banda larga seja muito pequeno se comparado ao tamanho da população, bem como o número de televisores no país, as mensagens apresentadas no telejornal representam a presença da opinião dos telespectadores durante a exibição do *Brasil Urgente* e de suas matérias. Essa ferramenta é uma participação que abre espaço para uma cultura que não é mostrada em outros telejornais e, portanto, dá a chance a muitos de se posicionar diante dos fatos de violência. Bairros da zona leste de São Paulo, muito pouco veiculados em outros telejornais, encontram-se mostrados pelo *Brasil Urgente*.

A última reportagem exibida nessa primeira edição da semana traz também uma reflexão dessa presença popular nas reportagens de outros telejornais. Com a manchete “Beleza que mata! Mulher morre durante tratamento contra celulite”, o programa veicula o que ocorreu com uma mulher que aplicou injeções de gás carbônico e veio a falecer. Há pouco tempo atrás, uma jornalista de Brasília morreu após uma cirurgia de lipoaspiração. Ambos os casos se assemelham, mas apenas o primeiro encontrou espaço na mídia como um todo. O *Brasil Urgente* apresentou esse novo caso

e também relembrou o da capital federal. Esses dois exemplos mostram bem a presença de questões populares em todo o *Brasil Urgente*. Diversas realidades, questões sociais, ou mesmo regiões de São Paulo e outras cidades são deixadas de lado pelo telejornalismo brasileiro. Na contra mão dessa característica nacional, o telejornalismo vespertino exhibe essas questões que, por meio dele, chega à classe social dominada e deixada de lado nos outros veículos. Claramente a cultura popular se vê através do *Brasil Urgente*, pela exibição de casos e, até mesmo, de regiões marginalizadas.

2. Terça-Feira (09/02/2010)

Após a escalada do programa e a veiculação do comercial de uma construtora de imóveis populares, há a entrada de imagens do helicóptero com imagens de um acidente com uma balsa sobre o rio Tietê, em São Paulo. Na seqüência ele muda a pauta do programa, invertendo a ordem de reportagens, e retoma a matéria do dia anterior com o caso dos assassinatos para a recepção de apólices de seguro. Com a mesma chamada, e novas entrevistas, mas sem nenhuma nova informação ou novo paço nas investigações policiais, fica claro que esta nova reportagem foi realizada paralelamente as do dia anterior, já que o jornalista é o mesmo e ele está vestido com a mesma roupa. Todo o texto do jornalista e o discurso do apresentador, comentando as supostas novas informações, dão a entender serem realmente outros fatos do caso ocorrido anteriormente. Essa postura do telejornal evidencia o caráter de Indústria Cultural do programa. Não há relevância no que está sendo veiculado, pois toda a informação do caso já foi apresentada no dia anterior, mas com outras imagens do mesmo dia, com outras entrevistas irrelevantes, o caso é requentado para poder incrementar o telejornal. Um material jornalístico que contribui apenas para vender o programa como um produto midiático. É apenas uma discussão nova, mas não inédita, para manter o discurso do apresentador, que também conserva essa forma de ser apenas mais um fator que leva à audiência, ou seja, o consumo do telejornal pelo telespectador.

“Cadeia Nele! Músico abusa das duas filhas do melhor amigo”, é o próximo caso veiculado pelo *Brasil Urgente*. Apenas se atendo à manchete, desconsiderando o próprio discurso de Datena, carregado com as mesmas características dessa chamada, já fica explícito o olhar de vigilância sobre o caso e uma indicação à punição. Toda a

reportagem segue também a mesma linha de raciocínio, não só com o acusado, mas também com a atuação policial e do poder judiciário. Caso a polícia não prenda e a justiça não o condene, o telejornal vai agir, ou seja, o telejornal está vigiando também as instituições.

“Ciúme que mata! Ex marido ataca mulher na frente dos 3 filhos” é a próxima reportagem veiculada, interrompida pelo apresentador logo em seu início para o comercial do programa e as imagens do helicóptero que mostram as chuvas e os pontos de alagamento em São Paulo. Na volta do intervalo, há outra entrada do helicóptero com o atendimento dos bombeiros em um rapaz que está sobre uma laje recebendo massagem cardíaca por ter sido eletrocutado nos fios de alta tensão. Mais uma vez há um exercício de adivinhação do apresentador e do comandante da aeronave quanto ao caso. Porém, há também uma prestação de serviço à sociedade em relação à realidade dos bairros mais populares de São Paulo, ou seja, mais uma demonstração da presença de questões populares no telejornal. Em bairros nobres da capital paulista, ou no centro da cidade, toda a fiação fica aterrada, passando por tubulações abaixo do nível da rua. Já no resto da cidade, a transmissão ainda se dá através de fios expostos ao ambiente pelos postes, mas que em muitas regiões estão muito próximos do alto das casas. O caso apresentado traz a necessidade de se tomar muito cuidado quando se realiza uma obra, ou a limpeza dessas moradias, uma realidade muito comum na vida da população. Apesar da veiculação acontecer apenas pela imagem, há um comentário pertinente à essa questão, o perigo que traz o se aproximar desses fios, ou das chamadas pipas (algumas regiões do país as chamam de papagaios), outra questão levantada pelo apresentador e de extrema importância na cultura popular, uma realidade que muitas vezes é apresentada em outros telejornais, mas que através do helicóptero se pôde demonstrar todo perigo que tais práticas podem ocasionar.

A violência contra a mulher é retomada na seqüência em outra matéria, mas a anterior abandonada ainda não é retomada pelo telejornal. “Monstro! Acusado jura para a filha que vai matar a mãe dela” é a próxima manchete, que também é interrompida para se voltar ao salvamento mostrado pelo helicóptero.

Outra matéria é retomada do dia anterior para mais uma vez dar sustentação ao discurso de Datena. O caso do assassinato do policial mostrado na segunda é novamente apresentado com as mesmas características de reprise que aconteceu na outra matéria retomada. Mais uma vez Datena comentou a matéria aos gritos, matéria esta com outras

entrevistas, realizada no mesmo dia da anterior, já que é claramente realizada pelo mesmo jornalista que trajava as mesmas roupas. A chamada também se repete e sua função, assim como a anterior, é apenas justificar as palavras contundentes do apresentador, desta vez pedindo maior atuação da corregedoria da polícia paulista. Mais uma vez há uma clara mostra de Vigilância e controle da sociedade e das instituições do Estado, bem como a repetição para manter o padrão de postura do programa para ele preservar sua audiência. “Só metem o pau na polícia, só arrebentam com a polícia. São uns heróis que tiram maníacos das ruas. Foi um cara desse aí que o policial ajudou a tirar das ruas e agora ele está morto”, afirma Datena, mesmo ainda não se apresentando pelos entrevistados nenhuma evidência da morte do policial com sua recente atuação de prisão do criminoso apresentado no dia anterior.

“Procura-se: padrasto pedófilo seqüestra enteada com deficiência” é a próxima matéria mostrada em que mais uma vez o apresentador se coloca à caça de um bandido. Na seqüência se veicula um caso de erro médico, onde uma senhora com um AVC foi operada e acaba com seqüelas. O apresentador novamente abre espaço para questões sociais no programa e pede ajuda de algum cirurgião para que a vítima de erro médico seja novamente atendida. Porém, em toda a reportagem não há uma clara definição se o caso é mesmo de erro médico ou uma fatalidade, o que há mesmo são as acusações de Datena ao médico que operou a paciente, três anos atrás.

A matéria acima citada ficou incompleta pelas várias interrupções feitas pelo apresentador por causa do salvamento realizado pelo corpo de bombeiros do rapaz eletrocutado. Desde a primeira entrada desse caso, até o final do telejornal, desconsiderando o tempo de veiculação de outros temas, as imagens do helicóptero atingiram o tempo de 26 minutos, com as mesmas imagens, mantidas pelo discurso do apresentador, uma prestação de serviço dentro do espetáculo midiático mostrado ao vivo pelas câmeras da aeronave.

Antes do término do telejornal, que se deu com as imagens do resgate, houve uma entrevista com o piloto de Fórmula Indy, Hélio Castro Neves, devido ao Grande Prêmio de São Paulo da categoria norte americana de esporte a motor, que a Rede Bandeirantes transmite. Essa entrevista é outra demonstração do entretenimento à venda, já que foge da pauta diária do *Brasil Urgente* para promover a corrida e a sua transmissão.

3. Quarta-Feira (10/02/2010)

Neste dia, após a chamada do programa em que Datena e Hamilton mostraram as imagens do acidente com o helicóptero de reportagem da Rede Record, ambos se mostraram abalados pelo ocorrido, já que trabalharam muito tempo com os envolvidos e, inclusive Hamilton, já pilotara por muitas vezes a aeronave, trazida dos EUA por ele. Datena inicia o telejornal com a pesquisa sobre a necessidade de haver prisão perpétua no Brasil. Após a exposição da reportagem do caso apresentado no dia em que crianças foram molestadas pelo amigo se seu pai, há uma retomada com matérias do acidente com a aeronave da Rede Record. A reportagem retomada desta vez tinha algo de novo, a prisão do suspeito. Na seqüência, existe a exibição de uma perseguição policial a seqüestradores na zona sul de São Paulo, que Datena apresenta como reportagem semelhante à realizada pela equipe da Record que se acidentou na manhã do mesmo dia. Entre as matérias o apresentador retoma a pesquisa, que também fica exposta durante as reportagens.

Um novo caso é apresentado de violência contra a mulher, porém não há qualquer chamada desta matéria, apenas o apresentador a anuncia, já que as manchetes nesse momento perdem espaço para a pesquisa. Com poucas matérias indo para o ar, a edição deste dia é concentrada no espetáculo e, novamente, há a exibição da ação policial anterior, desta vez com outra aeronave em ação, a policial. Contribuindo para isso, Datena intercala seus comentários com flechas de casos de dias anteriores, com a veiculação das matérias da morte do policial que prendeu dias antes um maníaco e da mulher que morreu em seu tratamento contra celulite.

Uma nova reportagem é apresentada referindo-se ao tráfico de drogas presente no centro de São Paulo. “R\$ 50 reais, viciados matam para comprar crack” é a manchete que traz imagens feitas do alto dos prédios no Vale do Anhangabaú e da Praça da Sé com crianças e moradores de rua usando livremente entorpecentes, praticando pequenos furtos e roubos para sustentar seu vício, e o trabalho de venda de drogas. A postura adotada mais uma vez é de vigilância e punição à atuação pública. Um delegado de polícia é entrevistado ao vivo e Datena o cobra quanto a maior presença policial no local, o que é confirmado pelo representante do corpo policial. “Doutor Aldo Galeano,

não é que agente não tem dó do viciado, mas é que ele é capaz de fazer tudo para conseguir a droga. Por 50 reais um cara desses mata e essas imagens não podem continuar no centro de São Paulo. Desde que eu me conheço por gente é Cracolândia. A polícia tem que dar em cima”, diz o apresentador.

Há novamente nesse instante a retomada do caso da morte durante um tratamento estético. Com a chamada “Nova Vítima. Dona de casa morre durante tratamento contra celulite” a nova reportagem aborda o mesmo caso anterior, com o apresentador mais uma vez sustentando seu discurso.

Todo o telejornal na seqüência se refere a repercussão desse caso com o ocorrido em Brasília há algum tempo. Sob a manchete “Beleza que Mata!”, tanto o apresentador, quanto os repórteres de São Paulo e do Rio de Janeiro, não apresentam novas informações, mas apenas as mesmas imagens já apresentadas. O telejornal retoma outra matéria, de abuso sexual infantil do amigo do pai das vítimas, mostra um acidente de trânsito em São Paulo do helicóptero e faz uma propaganda de um produto de complemento alimentar, mas os últimos 40 minutos de exibição não trazem nenhuma nova reportagem, sendo o final do telejornal novamente imagens do acidente com a aeronave da Rede Record. A terceira edição dessa semana serviu quase que exclusivamente para manter o produto midiático no ar, sem trazer o mesmo número de reportagens de dias anteriores, nem tão pouco na preocupação de não exibir demasiadamente matérias já apresentadas, repetições estas que até para os padrões do *Brasil Urgente* ocorreram em maior número.

4. Quinta-Feira (11/02/2010)

Após apresentação do programa e um intervalo comercial, Datena se refere à uma notícia inusitada no *Brasil Urgente*, que o apresentador não deixa de aproveitar para colocar seu discurso de observador de toda a sociedade em pauta. Com a chamada “Notícia Urgente, STJ acaba de decretar prisão de José Roberto Arruda” e com o apresentador dizendo “a se a moda pega vai faltar cela. O coro está comendo velho”, Datena apresenta a prisão do governador de Brasília, sem qualquer imagem, mas que ele sustenta por meio de seu discurso.

Na seqüência há a apresentação de uma reportagem que mostra a prisão de assaltantes no centro de São Paulo em carros presos nos congestionamentos das grandes avenidas da cidade. Com muitas imagens de movimentação de viaturas policiais, Datena continua comentando a caso do governador de Brasília, sempre com frases prontas e demonstrando sua intenção de influenciar por meio de seu discurso a ideologia de caça as bruxas no poder público, muitas vezes desconsiderando os direitos do Estado de direito em uma democracia.

“Eu repito, esses covardes não vão ter trégua aqui. Nós fechamos com a defesa dos direitos da mulher e vamos ajudar a polícia a caçar estupradores, malucos, maníacos e assassinos, ex-marido que mata, não vamos ter trégua com isso, não vamos dar trégua para ninguém para esses malandros, safados, estupradores e covardes assassinos de mulheres. Assassinos de mulher aqui não têm vez”. Com essa frase Datena chama a próxima matéria, de uma vítima que foi violentada e morta em uma chácara no bairro de Guaianases, extremo leste de São Paulo. Todo esse período construído pelo apresentador é uma clara manifestação da postura de vigilante e carrasco dos transgressores das regras sociais. Ao final da reportagem há uma nova proposta de pesquisa dando conta sobre a pena à assassinos de mulheres. As possibilidades eram de pena de morte ou prisão perpétua. Esta também é outra manifesta atitude do apresentador e do telejornal como Aparelho Ideológico do Estado quanto a imposição do ideal punitivo com esses dois graus de punição, já que ambos não são previstos no *Código Penal Brasileiro*.

Durante toda a seqüência do telejornal, há temas intercalados que mantiveram a pesquisa na tela. O caso de violência em uma chácara, a chuva e o trânsito em São Paulo mostrados do helicóptero e a prisão do governador Arruda foram mantidos no telejornal em seus próximos 30 minutos, quando houve a veiculação de outra reportagem. “Covardia! Crianças de 0 a 3 anos são espancadas pelas professoras” traz imagens do circuito de segurança da escola que mostra cenas de maus-tratos de algumas professoras de uma creche, com o apresentador chamando as professoras de vagabundas e afirmando que deveriam estar na cadeia. Apesar do discurso punitivo, Datena mais uma vez presta uma importante prestação de serviço ao comentar uma realidade muito presente, a necessidade de se vigiar o comportamento estranho dos filhos e o aparecimento de hematomas não implicados, nas crianças que ficam com babás e em

creches públicas e privadas. “Eu botava essas vagabundas na cadeia, essa é a grande realidade”, cobra o apresentador aos gritos no final da reportagem.

Nesse momento Datena encerra a pesquisa (6169 votos para a pena de morte e 877 votos para a prisão perpétua). Com isso, o apresentador abre outra pesquisa com a pergunta sobre as professoras, devem ir para a cadeia ou não? Mais uma vez é uma clara imposição ideológica sendo veiculada pelo telejornal.

“Amor Bandido! Cansada de apanhar do marido mulher pede socorro” é a manchete da próxima reportagem de uma mulher que é constantemente espancada na frente de seus quatro filhos. A reportagem afirma que a mulher envolvida não tem aonde recorrer e o repórter fala por telefone com o agressor. O *Brasil Urgente* é o único que pode ajudá-la, segundo a postura da reportagem.

Os casos da morte em tratamento de beleza e a agressão das professoras da creche são novamente retomados com a exposição da nova pesquisa. Com as mesmas chamadas a reportagem traz imagens da clínica estética de Rio das Pedras, no rio de Janeiro. A própria reportagem traz que o ocorrido aconteceu já há uma semana, mas não há novas informações, apenas novas imagens da clínica, até então só mostrada a sua fachada. É novamente exibido o caso da jornalista de Brasília e é lembrada outra morte semelhante, esta no ano passado.

Esta edição de *Brasil Urgente* segue para a exibição do trânsito em São Paulo e da prisão do governador Arruda, que se entrega a polícia, mas que é coberta de imagens antigas do governador e os comentários do apresentador, que continua cobrando a prisão dos envolvidos.

Após retomar o caso do maníaco em Belo Horizonte, uma última reportagem é veiculada. “Mistério! Universitária diz que não se lembra de nada durante sumiço”. A vítima esteve sumida durante 30 horas e foi encontrada desacordada em uma estação de trem no ABC Paulista. A polícia investiga, mas a reportagem afirma que ela esteve em posse de seqüestradores. A jovem saiu para ir a uma micareta e seu pai afirma que ela não quis dar maiores detalhes. A postura de observação da sociedade leva a algumas conclusões precipitada do *Brasil Urgente*, sem parâmetros para se chegar a um resultado com as informações preliminares. Esse é um caso que exemplifica bem esse fator presente tanto nas reportagens quanto com o apresentador.

Com uma nova chamada “Matador em Série”, é novamente retomada os problemas em Belo Horizonte com um estuprador sendo perseguido. A nova reportagem mostra a liberação do corpo de uma das vítimas, que por demora na identificação do corpo, deixou a família da quarta vítima esperando pelo velório. Datena mais uma vez cobra a prisão do maníaco, ou seja, mais um exemplo de sua postura de observação da atuação do estado, nesse caso exclusivamente da polícia. Com a retomada da prisão do governador, com imagens do trânsito de São Paulo e das chuvas na cidade, o que agrava a saída do paulistano para o feriado de carnaval, o apresentador conduz os últimos 20 minutos do telejornal sem uma nova informação, apenas com imagens vindas da aeronave que acompanha outro helicóptero da polícia rodoviária.

5. Sexta-Feira (12/02/2010)

Com apresentação de Marcio Campos, apresentador substituto de Datena, o jornalista começa falando que o apresentador titular está de folga. O apresentador faz a escalada do telejornal, seguida de comerciais. Em sua volta a primeira entrada ao vivo é do helicóptero, mostrando as chuvas em São Paulo e principalmente o trânsito antes do feriado prolongado de carnaval, algo que leva os primeiros 25 minutos do telejornal, veiculando na seqüência reportagens do Rio de Janeiro e de Minas Gerais com o policiamento nas estradas por causa do feriadão. Entre todas as participações, passaram-se a primeira meia hora do *Brasil Urgente*.

A primeira matéria sobre violência do dia traz a prisão de seqüestradores de um estudante e um empresário. Com a chamada de “Violência”, a matéria mostra imagens do carro de uma das vítimas, que tinha um rastreador via satélite, o que levou a polícia até os seqüestradores. O helicóptero mostra as viaturas e da aeronave da polícia em ronda por Guarulhos na busca de outros envolvidos num outro roubo. Uma terceira notícia é apresentada ainda sobre a ação de assaltantes em uma loja que colocam o dinheiro em suas roupas íntimas. Com a frase “A moda pegou” Marcio Campos conduz seu discurso semelhante ao de Datena. Há uma clara observação de que o telejornal está vigiando toda a sociedade, bem como a atuação policial. Esse exemplo deixa claro que esta postura não se limita aos dois apresentadores, mas sim à linha editorial de todo o telejornal. O *Brasil Urgente* é, portanto, um vigilante incansável de toda a violência que

ocorre na sociedade, não se resumindo no olhar dos apresentadores Datena e Marcio Campos, mas em toda a atuação do *Brasil Urgente*, em suas reportagens, nas imagens do helicóptero e em todo o trabalho da equipe do telejornal. Essa autodenominação esta permeada em todo o trabalho do telejornal.

“Cadeia Nele! Pedófilo vendia fotos de bebês e adolescentes pela internet” é a próxima matéria veiculada no programa que traz a informação sobre um caso de um rapaz ligado a um grupo neonazista e com atuação de pedofilia na rede mundial de computadores. Em seu comentário, Marcio Campos chama a câmera para falar “ao seu pé do ouvido”, segundo palavras do próprio apresentador. “O Datena já mostro de tudo nesse programa, mas nazista pedófilo é o que faltava”, completa o jornalista confirmando a postura editorial do programa e trazendo à tona outra característica que independe da apresentação, a de promoção do próprio telejornal para que ele conserve sua audiência, ou continue sendo consumido. “Não queremos que a polícia deixe de lado o seu trabalho de inteligência, porque é isso que dá resultado, é esse trabalho que a polícia tem feito e que nós temos visto, por isso damos os nossos parabéns”, afirma a apresentador ressaltando a importância do telejornal.

“Vingança? Preso bandido que matou três mulheres da mesma família” é a próxima reportagem que traz as informações de um preso que fugiu do regime semi-aberto para concretizar suas ameaças à família de sua ex-mulher, quem o denunciou a polícia por uma tentativa de estupro. A matéria é concluída com poucos comentários para dar espaço a imagens do helicóptero que mostra um pequeno incêndio em um galpão, mas que é tido como de grandes proporções pelo discurso do apresentador, mesmo contrariando as imagens. Isso sempre é tomado como prática quando há imagens semelhantes. Toda essa avaliação levou em um diálogo do comandante da aeronave com o apresentador de 20 minutos, ou seja, uma clara importância às imagens.

A postura de cobrança dos órgãos públicos é retomada na reportagem apresentada na sequência do *Brasil Urgente*, com o caso do desaparecimento de jovens adolescentes na cidade de Luisiana. “Esperança... Mães de jovens desaparecidos querem a polícia federal no caso” é a chamada da matéria em que o apresentador afirma não querer saber quem irá investigar, mas sim quando será resolvido e com isso mantém a postura de vigilância e cobrança. O apresentador cita até departamentos de polícia dos Estados Unidos para essa ação. “Não quero saber quem vai investigar, se a Polícia Federal se a *SWAT* ou o *FBI*, quero uma solução, assim como as mães desses jovens”

afirma o jornalista que não grita como Datena, mas tenta ter a mesma ênfase, porém com uma menor desenvoltura que o apresentador oficial.

O caso da morte em tratamento de beleza novamente é retomado com a mesma chamada desde o início da semana. A matéria traz entrevista com mulheres na praia sobre a vaidade (o que o jargão jornalístico chama de suíte, ou seja, matérias frias mostradas no complemento de outra). A informação desta vez é que houve no dia a missa de sétimo dia da vítima. “Vai alguém para a cadeia ou não vai”, cobra o apresentador. Toda a investigação policial dará seqüência quando o laudo pericial sobre a causa da morte, algo que só acontecerá após 15 dias e, portanto, não há novas informações.

O helicóptero é novamente trazido a pauta para mostrar as chuvas em São Paulo, que com granizo em algumas regiões, chegou a derrubar algumas árvores, algo natural e que acontece sempre na cidade, mas que ganha ares de espetáculo pelo discurso do apresentador.

Por ser uma véspera de carnaval, o telejornal abriu espaço para essa festa popular. Há uma reportagem ao vivo de Recife, mostrando o início das comemorações na cidade pernambucana. O filho do apresentador Datena, Joel Datena mostra em uma longa reportagem sua viagem a Florianópolis, com mostras populares de culinária. Ao lado do pai e apresentador chefe do telejornal a matéria fala do mercado municipal da cidade, ponto alto da gastronomia local, o que representou uma fuga do tema principal do telejornal, mas que preservou a característica de abrir espaço para a cultura popular.

O telejornal prossegue com mais imagens do alto da capital paulista que sofre com as chuvas e alagamentos em alguns pontos da cidade. As imagens da aeronave mostram avenidas alagadas e bairros das regiões norte e leste de São Paulo com problemas relacionados ao grande volume de chuvas. Como não poderia ser diferente, antes de terminar, o telejornal retoma matérias. As escolhidas foram sobre o maníaco de Belo Horizonte e sobre os desaparecimentos dos jovens em Luisiana.

O carnaval em São Paulo também é abordado no final do *Brasil Urgente*, com uma reportagem ao vivo do sambódromo do Anhembi em São Paulo, reportagem que aconteceu também para promover a exibição de um dos dias de desfile feita pela Rede Bandeirantes e com isso vender mais um produto midiático do canal.

Antes do término é veiculada uma última reportagem sobre violência e assim finalizar a semana. “Seqüestro, mulher dopa casal e rouba menor de dois meses” é a manchete de uma matéria que mantém as características de vigilância e cobrança do

telejornal com a sociedade. A reportagem trouxe imagens da prisão do seqüestrador e da delegacia. Marcio pouco comentou e trouxe novas imagens do helicóptero, com as quais encerrou o *Brasil Urgente*.

6. Em todo o *Brasil Urgente*

Todo o telejornal mostrou remontar os conceitos teóricos levantados nesta dissertação. O discurso do apresentador, as reportagens do *Brasil Urgente*, as manchetes e chamadas do programa e a linha editorial demonstrada nestes cinco dias de análise apresentaram pontos que exemplificam tais apontamentos.

O discurso de Datena, bem como do apresentador Marcio Campos, servem como sustentação de toda a linha editorial adotada que concede arbitrariamente ao *Brasil Urgente* o ideal de vigilante da sociedade, das punições dos criminosos e da atuação diante da criminalidade do poder público. Essa característica de controle social, demonstrada na visão do 'Panóptico', trazida por Foucault, é o que o *Brasil Urgente* busca em sua atuação. O telejornal vespertino ficou bem contextualizado pelo seu principal representante nacional atualmente como um ator social de influência ideológica, assim como Althusser traz em sua teoria de 'aparelhos ideológicos'.

O *Brasil Urgente* está sob a lógica capitalista de produção do lucro e, muito por meio da figura de seu apresentador e de seu discurso, carregado de frases feitas e de efeito, busca desenvolver sua audiência em toda a disputa de mercado, mas também abre espaço para a cultura popular, o que permite para o telespectador encontrar uma alternativa à cultura dominante, uma forma de proximidade com esse público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade das ruas você encontra aqui!

José Luiz Datena⁶

Na introdução desta dissertação se apresentou o telejornalismo vespertino como o gênero de telejornalismo que tem como tema principal a violência. Levantou-se nesse instante a hipótese de que o discurso desse telejornal, bem como o de seu apresentador se dá de forma violenta e punitiva.

Essa hipótese se confirmou, na medida em que por meio da análise do telejornal *Brasil Urgente*, toda a organização e a linha editorial do programa são voltadas para a sustentação do eloqüente discurso do jornalista José Luiz Datena, que comanda o telejornal como uma autoridade máxima, já que seu trabalho à frente das câmeras se dá por meio de uma verdadeira performance, típica de um espetáculo televisivo. Essa autoridade se dá nos momentos demonstrados no *Brasil Urgente* em

⁶ *Brasil Urgente* (08/02/2010)

que o apresentador interrompe reportagens, briga com sua própria equipe e se exalta com as informações trazidas pelas reportagens.

Outro fator que esta análise pôde observar é que todo o telejornal opera ideologicamente com o telespectador, com a imposição de diversos conceitos levantados pelo apresentador de diversas formas, como nas pesquisas levantadas no decorrer do telejornal, ou nas palavras colocadas em seus comentários que levam para uma reação violenta diante da criminalidade mostrada no programa. Datena grita, gesticula, fala em pena de morte e com toda a sua atuação, e tenta impor ideais de penas severas, bem como um policiamento altamente opressivo nas ruas. Essa tentativa de influência ideológica, assim como Althusser apresentou pelo conceito de Aparelho Ideológico do Estado, é justificada pela violência dos casos trazidos ao programa. Com um discurso que mostra a violência, Datena procura apresentar a necessidade social de tal ideologia como única ferramenta para enfrentar o fenômeno social da violência.

Todo o telejornal arbitrariamente se coloca na posição de observador da sociedade, uma observação que, assim como demonstra Foucault, lhe dá o poder de vigilância e punição para os transgressores das normas sociais vigentes. O *Brasil Urgente* na verdade é um tribunal dos marginais e um fiscalizador das instituições públicas na busca do que a linha editorial entende como punição adequada. Com frases como “Caçada!” ou “aqui não há trégua”, essa posição se evidencia com o posicionamento de todo o telejornal diante da atuação dos criminosos trazidos pelas matérias.

Outra característica observada em toda a exibição do *Brasil Urgente* é o fato de existir a exposição uma cultura que não encontra espaço em outros telejornais. A cultura popular, que historicamente se opõe à classe dominante, é apresentada pelo telejornalismo vespertino, até com matérias que fogem de seu tema principal. Através disso, o telespectador tem a chance de um maior reconhecimento de sua realidade no telejornal, uma realidade que muitas vezes é excluída da televisão em detrimento à cultura das classes dominantes que, entre outras coisas, é a classe que produz toda a produção midiática.

Toda a produção televisiva, e o jornal vespertino mantêm essa característica, segue a lógica da Indústria Cultural e do capitalismo. Porém, essa lógica não é transportada para os telespectadores de forma absoluta, sem que exista algum diálogo contrário a essa imposição consumista. Toda a produção do telejornal é colocada de forma a promover o seu consumo, ou seja, aumentar sua audiência. Mesmo o discurso

característico do apresentador do *Brasil Urgente*, mesmo que seguindo o padrão de vigília e punição da sociedade, também acontece para incrementar toda a performance do produto midiático que o telespectador está buscando. Divergente a tudo isso, a presença da cultura popular no *Brasil Urgente* posiciona um pensamento contrário a todo esse ideal capitalista. Reportagens que apresentam culturas locais não comerciais, como no caso da culinária do mercado municipal de Florianópolis no dia 12/02/2010, mostram que existem alternativas a toda a questão consumista, lógica que impera na produção televisiva e do *Telejornalismo Vespertino*, mas que não rege todo o tempo do telejornal, que abre espaço para a cultura popular no *Brasil Urgente*.

Assim como o telejornal vespertino, todo o jornalismo deve repensar a forma com que veicula as informações sobre a violência. Com a presença desse fenômeno em toda a sociedade, o papel social de dar visibilidade à violência na mídia como informação também deve observar que pode estar sendo mais um meio de ocorrer tal fenômeno social, abrindo espaço para a violência ao invés de informar seu público.

Essa é uma preocupação que deve ser compartilhada também nas escolas de comunicação, contextualizando na formação profissional dos futuros profissionais do jornalismo os problemas que uma veiculação midiática excessiva da violência pode causar ações práticas dessa hostilidade no corpo social.

Outro desafio se encontra na internet e suas diversas novas mídias. A violência encontra diversas maneiras de gerar espaço nesses novos ambientes, muito pela questão do anonimato. A tarefa será ultrapassar esse fator para limitar a promoção das mais diferentes formas de hostilidade encontradas na rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROPAGANDA. São Paulo, 2009. Disponível em: <[http:// www.abp.com.br](http://www.abp.com.br) >.
- BRASIL. **Constituição: República Federativa do Brasil: 1988**. Brasília: Senado Federal, Editora Saraiva, 1988.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- LANA, Lígia Campos de Cerqueira. Denúncia e dramatização do cotidiano em Brasil Urgente. IN: **FRANÇA, Vera** (org). Narrativas televisivas: programas populares na Tv. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PINHEIRO, Paulo Sergio; ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Violência Urbana**. São Paulo: Publifolha, 2003.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A tv sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão**. São Paulo: Summus, 2006.

_____. IN: **CARTA MAIOR: A Brutalidade na Hora do Almoço**. São Paulo, 2009. Disponível em:

www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=4167>

VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos. **Cidadania e Violência**, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

TELEJORNAIS

BRASIL URGENTE. **TV Bandeirantes**, São Paulo: 08/02/2010

FANTÁSTICO. **TV Globo**, Rio de Janeiro: 02/08/2009